

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

KLEDNA SONALLE BATISTA DE SOUSA

**SAÚDE E ASSISTÊNCIA MÉDICO - HOSPITALAR EM CAMPINA
GRANDE (1950/1964): A ESCOLA REGIONAL DE AUXILIAR DE
ENFERMAGEM**

**CAMPINA GRANDE
2010**

KLEDNA SONALLE BATISTA DE SOUSA

**SAÚDE E ASSISTÊNCIA MÉDICO - HOSPITALAR EM CAMPINA GRANDE
(1950/1964): A ESCOLA REGIONAL DE AUXILIAR DE ENFERMAGEM**

Trabalho Acadêmico Orientado apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,
para encerramento do componente curricular e
conclusão da graduação no curso de História.

Orientadora: Prof^a. Ma. Marta Lúcia Ribeiro Araújo.

CAMPINA GRANDE – PB
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586i

Souza, Kledna Sonalle Batista de.

Saúde e assistência médico - hospitalar em Campina Grande (1950/1964) [manuscrito]: a escola regional de auxiliar de enfermagem/ Kledna Sonalle Batista de Sousa. – 2010.

88 f.: il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2010.

“Orientação: Profa. Ma. Marta Lúcia Ribeiro Araújo, Departamento de História e Geografia”.

1. Enfermagem. 2. História. 3. Auxiliar de Enfermagem. I. Título.

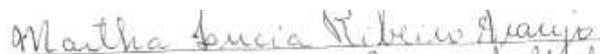
21. ed. CDD 610.73

KLEDNA SONALLE BATISTA DE SOUSA

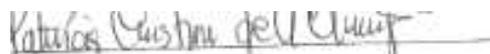
**SAÚDE E ASSISTÊNCIA MÉDICO - HOSPITALAR EM CAMPINA GRANDE
(1950/1964): A ESCOLA REGIONAL DE AUXILIAR DE ENFERMAGEM**

Trabalho Acadêmico Orientado apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,
para encerramento do componente curricular e
conclusão da graduação no curso de História.

Aprovada em: 15/12/2010



Prof.^a Ma. Martha Lúcia Ribeiro Araújo/UEPB
(Orientadora)



Prof.^a DR.^a Patrícia Cristina de Araújo Aragão/UEPB
(Examinadora)



Prof.^a Ma. Manuela Aguiar Araújo Medeiros/UEPB
(Examinadora)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Dulcinete Batista, por ter me mostrado o valor de ir à escola. Mulher forte que não se abateu pelas dificuldades da vida. Esta conquista é nossa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar forças para superar todas as dificuldades durante o curso, por me sustentar quando eu não mais podia, por me mostrar que a vida podia ser mais do que eu pensava.

À minha mãe, pela dedicação e amor, pelo apoio e companheirismo sempre. Por me incentivar a estudar, ter uma profissão e vencer na vida.

Aos meus avôs maternos João Batista da Cruz e Maria do Carmo (*in memoriam*).

Aos meus avós paternos Maria e Hercílio Justino, pelo carinho e apoio financeiro quando mais precisei. Sem vocês nada teria sido possível.

Aos meus tios José Martins e Luiza, pelo carinho e mimos de toda uma vida.

A todos os meus familiares que estiveram presentes nessa jornada.

À minha orientadora Martha Lúcia, por acreditar que seria possível esse trabalho.

A todos os professores do curso de história, em especial Maria José Silva Oliveira, pois foi com ela que tudo começou, Kyara Almeida, por me apresentar Foucault, Faustino Neto, por me indicar leituras.

Aos amigos de sempre, Ivanildo, Edgley Miguel e Cristovão de Andrade. A todos os meus colegas de curso, em especial João Aguiar pela amizade, companheirismo e carinho de sempre. Tomires Nascimento, Sâmala Sonalle, Bruno Gaudêncio, Mário Junior, Gilson Julião, Romenick Stiffene e Roseane Porto. Vocês sempre terão espaço em minhas lembranças.

Às professoras da Escola Técnica Estadual de Enfermagem, por acreditarem SEMPRE numa assistência de Enfermagem humana e responsável, “e de melhor nível”; por me ensinarem a cuidar do outro, por me ensinar a viver. Vocês, com certeza, foram e são o que Haydée Guanais Dourado define como corpo docente de uma escola de Enfermagem “parte viva que irá promover o crescimento da entidade e irá manter o equilíbrio nos momentos de dificuldades”.

A todas as pessoas que fizeram e fazem parte de minha vida, e que infelizmente não pude citar o nome de todos e todas, mas que guardarei para sempre no meu coração.

Ao curso de História, minha eterna paixão!

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo investigar a criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, buscando compreender os discursos modernizantes e práticas médicas, no período de 1950 a 1964 em Campina Grande. Para cumprir nosso objetivo, foi realizada uma revisão bibliográfica relacionada à nossa temática. Depois partimos para analisar as fontes orais e impressas, jornais, revistas e livros de memória de intelectuais da época; também foram utilizadas fontes visuais como filmes. Identificamos um número crescente de escolas e faculdades, lugares de poder e saber. Uma rede hospitalar em desenvolvimento, espaços de produção e socialização de saber médico, destacando-se a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, tendo a mesma contribuído de forma significativa para o funcionamento da rede hospitalar, bem como para uma melhoria da assistência médico-hospitalar em Campina Grande. Para tanto, foram utilizadas as contribuições teóricas de Foucault (1979, 1987, 2002, 2004), que nos possibilitou pensar a disciplina e os espaços de cura na cidade, o pensamento de Certeau (2007), sobre espaço praticado, os jogos e as anti-disciplinas, além de Chartier (1990), que possibilitou pensar os intelectuais e suas produções.

PALAVRAS-CHAVE: cidade, educação, medicina, hospital, enfermagem.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the establishment of the Regional School of Nursing assistant, trying to understand the speeches and modernizing medical practices in the period 1950 to 1964 in Campina Grande. To accomplish our objective, we performed a literature review related to our theme. Then we went to examine the oral and printed sources, newspapers, magazines and books memory intellectuals of the time, were also used visual sources such as movies. We identified a growing number of schools and colleges, places of power and knowledge. A hospital system in development, production spaces and socialization of medical knowledge, especially the Regional School of Nursing Assistants, and it contributed significantly to the functioning of the hospital network and to an improvement of medical assistance Campina Grande. To this end, we used the theoretical contributions of Foucault (1979, 1987, 2002, 2004), which enabled us to think discipline and healing spaces in the city, the thought of Certeau (2007), practiced on space, games and anti-discipline, and Chartier (1990), which enabled the intellectuals to think and their productions.

KEYWORDS: city, education, medical, hospital, nursing.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo 1 – Campina, uma cidade moderna.....	14
1.1. Um olhar para a cidade: trajetórias do urbano	14
1.2. Uma nova forma de fazer política em Campina Grande: Cabral x Rique	23
1.3. As faculdades e escolas	29
Capítulo 2 – Entre práticas e discursos: a ordem médica e o crescimento hospitalar	33
2.1. Intervenções médicas no corpo urbano de Campina Grande	33
2.2. Os espaços de cura em Campina Grande: a normalização entra na cena urbana	42
Capítulo 3 – A criação da Escola de Enfermagem: atores em cena produzindo um novo saber	52
3.1. Enfermagem no Brasil e na Paraíba.....	56
3.2. A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem.....	61
Considerações finais	72
Referências.....	73
Anexos.....	80

INTRODUÇÃO

A cidade das memórias, dos sonhos, do consumo da apropriação, dos jogos, das trocas simbólicas, dos traçados de ruas, da agitação das pessoas, das construções imponentes dos urbanistas. É essa cidade que procuramos analisar durante esta pesquisa, procurando compreender a modernidade que adentra o espaço urbano, traz uma nova sensibilidade, novas formas de relacionamento entre os indivíduos e novas práticas sociais.

Campina Grande, localizada no interior da Paraíba, ganhou fama com o comércio do algodão na primeira metade do século XX. O que mereceu destaque nessa pesquisa foi justamente seu aspecto educacional e as movimentações no que toca à assistência médica na cidade. Essa cidade que investiu na medicalização do seu corpo urbano, espaços de cura, em instituições destinadas à educação de profissionais de saúde. Enfocaremos as teias da criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, nos rastros, nas lembranças, nos discursos que nos permitiram ver e dizer uma época.

A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem está entre as conquistas modernas de progresso e utilidade social na cidade. As instituições de saúde figuram como sinal de progresso e civilidade, juntamente com o saneamento básico e espaços de lazer. “O mito do progresso social é uma crença constitutiva da institucionalização da atividade científica, pois gera valores positivos e justificativas necessárias à sua aceitação e ao apoio que a ciência exige para implantar-se e desenvolver-se” (BRITO, 1995, p.8).

A nossa pesquisa iniciou-se há dois anos quando do encerramento da disciplina de Memória e Patrimônio. A atividade final da disciplina era procurarmos algo que considerássemos como um patrimônio. Chegamos então à Escola Regional de Enfermagem, onde havia um enorme patrimônio, tombado em sua maior parte, mas que continha a dedicação, a memória, a alma, os sonhos de uma época, de enfermeiras e auxiliares de Enfermagem desta cidade nos últimos 45 anos.

Foi com um trabalho de patrimônio que descobrimos um conceito totalmente novo: patrimônio cultural da saúde, envolvendo materiais simbólicos, socialmente construídos, conceito bastante amplo que permite pensar a memória e a história no mesmo espaço. E nos permitiu trabalhar a saúde como uma construção histórico-social, cujas significações culturais e os arranjos políticos são variáveis no tempo.

Já a experiência cultural na saúde é, necessariamente, multifacetada e multidimensional. Ela envolve o sofrimento individual e coletivo; as expectativas de cada indivíduo diante do Tempo, da vida e do mundo. Da mesma forma, envolve as lutas e conquistas coletivas na direção de melhores condições de existência. É imprescindível promover os meios para a expressão cultural, o registro, a preservação, a difusão e atualização permanente dessa experiência histórica comum. Ela deve ser valorizada como componente fundamental nos processos de formação dos trabalhadores da saúde, da humanização dos serviços, de gestão coletiva e de controle social (COSTA; SANGLARD, 2008, p.8).

Foi a partir das colocações desses dois pesquisadores que procuram preservar o patrimônio da saúde, em estreita relação com as novas leituras que a história faz dos hospitais para além da prática médica, mas como um problema histórico social e da saúde, que delineamos um mapeamento dos hospitais existentes na época da fundação da Escola, pois foi em função deles que a escola foi criada e inaugurada em pleno centenário de Campina.

A nova história cultural, que inovou nos temas e abordagens, permitiu que estudássemos a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, colocando em foco os intelectuais e políticos que participaram de sua criação, analisando, através da produção literária de alguns deles, as representações de cidade moderna, as concepções de educação que aparecem em suas obras. O próprio momento da criação de tais obras que nos possibilitam pensar uma época, através da memória como no caso de Stenio Lopes¹, a maneira como os intelectuais utilizavam espaços como os jornais para difundir ideais de modernidade.

A leitura de Roger Chartier (1990) nos permitiu trabalhar o conceito de representação como normas, imagens e ritos², bem como “as representações do mundo sociais assim construídas [...] pelos interesses que os forjam.” (CHARTIER, 1990, p.17). Como a realidade social foi dada a ler, na escrita desses intelectuais, a importância da leitura/escolarização para a sociedade campinense no período de 1950 a 1964, as representações passam pela prática e apropriação. Dessa forma, utilizo Chartier para conceituar as apropriações que os intelectuais faziam de modelos de educação, de ideais de modernidade e civilidade, de práticas médicas modernas na cidade vindas de outros centros urbanos.

¹ Stenio Lopes, intelectual engajado na educação campinense que viveu o período analisado, participou da criação de Escolas como a Politécnica e SENAI. Foi secretário de educação no governo de Newton Rique, rotariano que, em seu livro *Campina Luzes e Sombras*, rêmora a cidade das décadas de 50 e 60, fala sobre Lopes de Andrade e escreve sobre educação.

² A normalização dos indivíduos dentro do espaço da cidade passa por essa ritualização que o autor aponta. Sua aproximação teórica com de Certeau nos possibilita pensar o espaço da cidade como um lugar praticado, pois as geografias das ações praticadas na cidade permitem estabelecer a relação entre espaço e representação.

A leitura de Michel Certeau nos foi útil, possibilitando pensar a cidade como lugar praticado, estabelecendo a relação entre espaço e representação. “Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 2007, p.202).

A cidade consumia profissionais de outras cidades e passava a produzir o seu corpo urbano, evidenciado nas décadas de 1950 e 1960. Permitindo a cada grupo social fazer uma interpretação dos ideais de modernidade e educação, representado a seu modo, por meio de grupos escolares, no caso de políticos, de instituições de Ensino superior como médicos e das enfermeiras que fomentaram uma escola de enfermagem para suprir uma necessidade dos hospitais, para prestar uma assistência melhor à cidade, ajudando no progresso social desta cidade³.

Para Foucault (1979), a disciplina é uma técnica de exercício de poder, uma análise do espaço, como escolas e hospitais, um adestramento do corpo para executar função com um melhor aproveitamento do tempo, eficácia e beleza de movimentos. É justamente nessa eficácia que investiam as professoras da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, dentro de espaços fechados como a escola e os hospitais. Na nossa pesquisa, o conceito e análises foucaultianas foram privilegiadas, pois o autor, em *Arqueologia do Saber, Vigiar e Punir, Microfísica do Poder* e *O Nascimento da Clínica*, faz uma análise dos espaços de disciplinamento, das relações de saber e poder, dos interesses incutidos nos discursos de determinados sujeitos sociais de acordo com lugar que ocupa, de como o corpo urbano e humano torna-se alvo de novos mecanismos de poder, oferecendo-se a novas formas de saber. (FOUCAULT, 1987).

Pensar a Enfermagem e a sua institucionalização na cidade passa necessariamente pela discussão desses teóricos, procurando revelar as influências que sofriram a cidade e a escola. Agra do Ó (2006) analisa o processo de civilização dos indivíduos, um projeto de cidade via discursos políticos e educacionais que pretendiam organizar a cidade, pois a cidade vivenciaria em fins dos anos 50 um caos.

Não escondemos as dificuldades de realizar este trabalho, pois pesquisas que envolvam este temática são mais abundantes no Sul e Sudeste do país. Sanglard (2006) que discute o

³ Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.147 -155 agosto de 2003. Neste *fac-símile* são expostos as razões para se criar uma escola de enfermagem, em conferência da Cruz Vermelha. A leitura de periódicos dessa revista de circulação nacional, e que traz muitos dos *fac-símiles* nos permitindo estudar, as concepções que as enfermeiras cultivavam sobre seu saber

crescimento dos espaços de cura no Rio de Janeiro, e uma nova concepção de assistência médica desvinculado da caridade e voltada para a cura. Caponi (2001) faz um estudo do mecanismo de poder médico sobre o corpo dos indivíduos e das populações, a partir do conceito de bio-poder e bio-política, das explicações de higiene clássica a microbiologia, do nascimento da clínica ao hospital medicalizado.

A produção local sobre a saúde e a doença ainda está focada na concepção que cada homem e cada sociedade deviam ser pensados em relação ao meio, como circula o ar e a água, nos miasmas. Agra (2005) faz um estudo de higiene ligado a policia médica, a higienização do leite, das habitações, da utilização da água do açude velho, um controle de miasmas e micróbios em Campina Grande no começo do século XX. Oliveira (2009) faz um estudo sobre educação primária na cidade, já aponta a presença de Enfermeiras-pedagogas quem os médicos confiariam uma parte da educação infantil, no que toca a higiene dos corpos. A produção de Silva (2005) toca na discussão entre prática médica e medicina popular, nos jogos e disputas jurídicas em Campina, de populares e médicos pelo o poder de exercer práticas de cura.

Para a elaboração desse trabalho foi necessária a leitura de historiadores como SouzaA (2001), SouzaB (2002), Agra do Ó (2006) e outros, que estudaram o período de 1950 a 1960, nos permitindo analisar a cidade de Campina através dos espaços de lazer, as burlas, as regras e disciplinamento, da educação que apareciam nos discursos de jornais e políticos da época. A leitura de Giovanini (2002), Paixão (1979) e de periódicos da *Revista Anna Nery*⁴, nos permitiram traçar diferenças e similitudes entre as primeiras escolas do país e a campinense, além das referências culturais das enfermeiras.

Antes disso, iremos fazer uma discussão sobre a produção historiográfica paraibana que trabalhe com o espaço disciplinar da cidade, medicalização de corpos e abordagens culturais da política. Avaliar a produção sobre a história da enfermagem em Campina Grande nos possibilita avaliar como esses profissionais escrevem sobre sua trajetória histórica.

O método qualitativo complementa o trabalho com a fonte oral, que foi realizada com fitas cassete e aparelhos digitais de gravação de voz, com entrevistas abertas, aplicadas individualmente a professoras e ex-alunos da Escola. Esse recurso foi utilizado a fim de traçar a história da criação da Escola, os discursos, os sentimentos, o não dito que constroem e

⁴ Periódico de circulação nacional, disponível online que nos possibilita refletir sobre a produção e prática das Enfermeiras de diversas partes do país .A publicação de documentos micro filmados da UFRJ,nos foi de grande valia pois com o “original em mãos” traçamos nossa própria critica a eles,nos fornecendo um panorama interessante da Enfermagem brasileira.

representam uma *identidade* para a Escola, através da memória dos profissionais que ocuparam e ocupam este espaço.

A nossa forma de abordagem baseou-se num vínculo de amizade e confiança, que tentamos estabelecer, para ter acesso ao que foi lembrado. Pois nos contaram um pouco da sua vida, fragmentos que em estreita relação com a Enfermagem e a escola nos fizeram ver uma época diferente da que temos.

Muita coisa ainda pode ser lembrada e contada, agora de sua fundação até os nossos dias, pois uma série de fatos bem interessantes aconteceu na trajetória dessa escola: falta de interesse para transformá-la em faculdade, sua aproximação com políticos, com o Hospital Alcides Carneiro, o período que funcionou no Estadual da Prata, uma história de educação e saúde em Campina Grande, que cabe em outro trabalho historiográfico.

É redundante dizer que os depoimentos foram colhidos com plena autorização dos entrevistados, com pleno conhecimento da pesquisa. Mesmo os depoimentos não gravados, mas escritos à mão, como de Iara Lacerda, atual diretora da Escola Técnica Estadual de Enfermagem. Sua colaboração, com informações e memórias, foi de fundamental importância para identificar as fontes vivas e escritas que nos possibilitaram escrever esse trabalho.

Através de Iara tomamos conhecimento da atual situação da Escola, a qual, por falta de interesse do governo, teve seu espaço convertido em Educação de Jovens e Adultos. Uma verdadeira violência simbólica, pois apinharam os móveis doados pela UNICEF a uma sala, reduzindo a Escola a uma sala da direção, que, por sinal, foi dividida com outra funcionária do Estado. As professoras que durante vários anos lá ensinaram foram transferidas para outros órgãos do Estado, só ficando lá a diretora e a secretária.

Tudo aconteceu neste ano de 2010. Inaugurando-se uma luta política pela reabertura da Escola, houve uma sessão na câmara de vereadores desta cidade, em julho deste ano, onde apenas foram feitas promessas para uma reabertura em 2011, o que levou à formação de uma comissão para ir a João Pessoa em audiência com o secretário de educação do Estado, pois no papel, a Escola fechada desde 2005, continua funcionando.

Mas em meio a essa crise da Escola Técnica Estadual tivemos a oportunidade, por meio de um abaixo-assinado, de entrar em contato com técnicos e enfermeiras (os), e ver como a escola continua viva em suas memórias, como possibilitaram o sustento de vários profissionais por meio do seu ensino. O desejo de não vê-la fechada foi representada e sentida por uma lista de nomes, mas também nas pequenas histórias que nos contaram, a sua relação com a escola, com os professores que lhe ensinaram “tudo o que sabem”. Ao contrário do que

podemos pensar, há tanta vida naquelas paredes, tantas memórias, tantos sonhos, que o tempo não apagou da memória dessa cidade.

As fontes impressas como diários oficiais, jornais, revistas, livros de memória inscritos por intelectuais campinenses que fizeram parte da criação de escolas em Campina, e os que falam sobre personalidades como Edvaldo do Ô e Lopes de Andrade. Homens que participaram do desenvolvimento social, econômico, político e cultural de Campina Grande, e que estavam envolvidos na fundação da Escola Estadual de Enfermagem, e em instituições de ensino superior⁵. A partir de então passamos a identificar discursos, grupos e espaços de socialização de saber em Campina, elegemos alguns sujeitos mobilizadores de tais discursos modernizantes na cidade no campo político, educacional e médico. Para estabelecer relações deste com a criação da Escola Regional de Enfermagem e suas fundadoras.

A proposta de divisão dos capítulos foi a que se segue.

O primeiro capítulo dessa monografia, intitulado “Campina: Cidade Moderna”, que busca compreender a modernidade em Campina Grande, os discursos que fomentaram uma representação de cidade moderna, os sujeitos e os meios de circulação, as conquistas materiais e simbólicas envolvidas nesse processo de civilização e urbanidade que a cidade sofria, conquistas como luz elétrica, água saneada, ruas amplas e a organização do espaço com vistas no discurso higienista. Buscamos identificar escolas e faculdades na cidade, pois eram meios de controlar e preparar os indivíduos para viver na urbe em que Campina Grande se transformara. As novas formas de fazer política, os discursos que envolveram a cidade na virada da década de 1950 a 1960.

No segundo capítulo, “Entre práticas e discursos: a ordem médica e o crescimento hospitalar”, investigamos as práticas médicas modernas, instituições que prestavam assistência à população campinense, bem como sua localização no espaço urbano. Investigamos também o crescimento da rede hospitalar, os espaços de produção e socialização de um saber médico.

No terceiro capítulo, intitulado “A invenção da Escola de Enfermagem: Atores em cena produzindo um novo saber”, analisamos o momento da inauguração da Escola, e um pouco das concepções de Enfermagem que vigoravam no Brasil e na Paraíba, as enfermeiras,

⁵ Faziam parte da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (FUNDACT), que tinha, entre seus objetivos, o de promover o desenvolvimento do ensino superior na cidade. Doou terreno para a construção da Escola Politécnica e assumiu financeiramente as duas faculdades existentes na época, Filosofia e Serviço Social.

o funcionamento, a disciplina e as contribuições da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem para a assistência médico-hospitalar em Campina Grande.

Capítulo 1: Campina, uma cidade moderna

1.1. Um olhar para a cidade: trajetórias do urbano

Campina Grande, nas décadas de 40, 50 e 60, passava por transformações no seu corpo urbano, desde as reformas de Vergniaud Wanderley no centro comercial, que afastaram para a periferia casebres, casa de prostituição e lugares de diversão que não prezavam a moral e os bons costumes. A cidade, desde então, não cessou de modificar seu corpo urbano, de modo que observamos, no decênio de 50 a 60, um aprofundamento dessa modernidade, caracterizada pelo surgimento de novos bairros, escolas, faculdades e hospitais.

Espaços específicos para morar, estudar e curar, e tudo que não ocupasse um lugar nessa nova cena urbana, deviam ser retirados dos olhos dos habitantes da cidade. Mendigos, loucos, velhos e pobres, enfeavam ou emporcalhavam a urbe, manchando o seu ideal de imagem limpa e moderna.

Dessa forma, os espaços na cidade foram sendo divididos, e a partir de 1948 iniciaram-se loteamentos, originando novos bairros, divididos, neste período, conforme o lugar social de cada habitante. Bairros proletários como Jeremias, Liberdade, José Pinheiro, Monte Santo; bairros de “classe média”, como, por exemplo, Palmeira, São José, Alto Branco; bairros das elites, que já não eram as algodoceiras: Prata, Jardim Lauritzen e Jardim Tavares.⁶

Isto implica uma redistribuição do espaço, estabelecimento de uma fronteira simbólica, definida na lei municipal nº 481 no ano de 1955, que estabelece o contorno da Zona central da cidade a oeste do Açude Velho. Ruas Almeida Barreto, Antenor Navarro, Independência, Osvaldo Cruz, Avenida Canal até alcançar a Rua 2 de Abril, encontrando a Rua Almeida Barreto. Estabeleciam-se, assim, um centro comercial e a periferia, além da formação de um Distrito Industrial para a cidade.

Houve mudanças nas ruas de Campina Grande. Luz elétrica e água saneada adentravam o espaço urbano, sendo que apenas as casas de alguns habitantes da cidade

⁶Foucault (1979) aponta a cólera, no século XIX, como um divisor de bairros ricos e pobres, pois a coabitação de ricos e pobres no mesmo tecido urbano foi considerada um perigo sanitário e político. Até então ser pobre fazia parte de uma condição de existência urbana.

desfrutavam de tal conforto. Apesar do número crescente de habitantes, a modernidade alcançada por Campina não fornecia certos confortos a todos, gerando insatisfações aos menos favorecidos e excluídos de tais processos. Através de jornais da época os cidadãos expressavam os anseios de uma cidade em franco desenvolvimento.

O que mais fazia falta cabia numa lista breve: água, pavimentação, instituto de educação, Escola Normal (pública) para moças, grupos escolares, ampliação e melhoria da saúde, ajuda para a agricultura, mais hospitais e obras sociais.⁷ (apud SOUZA, 2002, p.33).

Os habitantes exigiam dos políticos uma parcela de conforto, um pouco das conquistas modernas que embelezavam a vida na urbe. Pois água, luz elétrica, ruas pavimentadas, lojas de tecidos, sapatos, farmácias, cinemas, representavam um caminho para Campina conquistar o progresso que tanto almejava. A educação é um destaque no período analisado, pois é ela que move discursos de políticos e intelectuais para o desenvolvimento da cidade.

Dessa forma, as conquistas materiais ganhavam todo um atributo simbólico no que se refere à exaltação da modernidade e ao desenvolvimento de Campina, como a conquista de tão precioso líquido, que era a água. Vários eram os conclames para obtenção da água na década de 50, advindos já de décadas anteriores, culminando com a instalação da primeira adutora⁸, que, entretanto, já se mostrava incapaz de suprir as necessidades da cidade em crescente desenvolvimento.

Nas palavras de Stênio Lopes, um dos grandes intelectuais que se engajaram em educar Campina, trazendo a civilização para esta cidade através da construção de Escolas como SENAI, Escola Politécnica de Campina Grande, a primeira de nível superior destinada ao ensino de Engenharia, vemos todo um discurso referente ao espírito pioneiro dos campinenses, com seus valores modernos e dinâmicos. A eletrificação realizada pela CHESF foi um dos feitos pioneiros da cidade, já que ocorreu primeiro do que em algumas capitais nordestinas⁹. Mais uma vez é reafirmada uma identidade de Campina Grande enquanto tecido urbano marcado pelo pioneirismo no que concerne à modernidade.

⁷ *D.B* – 14.03.1959; p.7 – Coluna: “Instantâneos da Cidade”, de Eptácio Soares. As citações do Diário da Borborema foram retiradas da Tese de Antonio Clarindo de Souza ou de Álarcon Agra do Ó, no momento da escrita desse trabalho o acesso aos arquivos desse Jornal não é mais permitido para pesquisadores.

⁸ Ver Severino Cabral Filho. (2007) .

⁹ Outro feito pioneiro em Campina foi a implantação da SANESA, a companhia de Água e Esgotos da cidade, na administração de Williams Arruda, com a participação do economista Edvaldo Souza do Ó nos anos 60, como Diretor Comercial. Edvaldo escreveu um livro contando os detalhes da SANESA editado em 1988.

A vinda da CHESF para Campina Grande pode ser colocada na mesma linha de chegada da estrada de ferro ou do abastecimento d'água (o de Vaca Brava e o de Boqueirão), como marcos no desenvolvimento local. Foi também pela conjugação desses empreendimentos, junto com a tenacidade e o espírito inventivo dos campinenses, que chegamos, na década de sessenta, ao grande momento da industrialização (LOPES, 1989, p.117).

Ao “espírito inventivo” do povo campinense mesclaram-se alguns forasteiros vindos de áreas rurais, ou de grandes centros, como Recife e Rio de Janeiro. Muitos médicos e advogados vinham de fora ou do interior para aqui se estabelecerem. Mas os que realmente sofreram um processo de disciplinarização foram os integrantes da grande massa pobre e camponesa que habitavam as ruas da urbe. Uma legião de mendigos, pedintes de várias espécies, loucos e vagabundos que atentavam contra a ordem e a moral da sociedade campinense da época.

Ainda sobre a energia elétrica em Campina Grande em fins da década de 50, fala o intelectual Lopes de Andrade, em coluna do Diário da Borborema, sugerindo o que marcaria a identidade para Campina Grande:

Mesmo em cidades como Recife, Salvador, Campina Grande e outras, consideradas evoluídas, o aumento da demanda da energia elétrica não tem correspondido ao ritmo dos aumentos verificados em cidades do Sul do País, e igual categoria, mas que sofreram modificações em virtude da “Revolução Industrial” (ANDRADE, 1984, p.96.)¹⁰.

O autor coloca a cidade de Campina Grande entre as cidades evoluídas e cria um critério de diferenciação em relação ao Sul. Para ele, essa região, ao vivenciar mais intensamente a Revolução das máquinas, desenvolvera-se mais, enquanto Campina não atingira o nível de evolução esperado com a chegada da energia, problema parcialmente sanado com a Eletro Cariri, que viria a suprir as lacunas deixadas por esse lento desenvolvimento quando de sua chegada ao interior do Estado. São muitos os discursos que tomam o Sul como referência para imprimir uma identidade ao povo nordestino como atrasado ou menos desenvolvido.

¹⁰ Publicado no DB, em 16,03,60.O título do artigo é Importância da eletricidade, onde Lopes de Andrade, explica as razões do pouco desenvolvimento com a energia vinda CHESF, e noticia uma nova instituição de economia mista “Eletro Cariri”,no município de Pocinhos ,como objetivo de expandir a eletrificação sanfrasciscana por todo o brejo.Depois de Recife,Salvador e Fortaleza , a cidade nordestina que tem , empenhado-se no sentido de criar uma “sociedade industrial” , em nossa região, sem duvida é Campina Grande.Souza do Ó (1986).

Stenio Lopes (s/d) fala de Campina como um centro de grande atividade, o maior empório do algodão em todo o Nordeste. A safra 1954/1955 chegou a 30, 410 toneladas, fazendo funcionar o parque de descaroçamento e prensagem do algodão e algumas fábricas de óleo. SANBRA, ANDERSON CLAYTON e Cia (multinacionais) atuavam na cidade entre os anos de 1955 e 1960 e várias firmas locais, como Araújo, Rique & Cia, Demosthenes Barbosa e Cia, Cassiano Pereira e Cia, Cicero Medeiros e Cia, Pedro Ribeiro e Cia, dentre outras.

O comércio do Algodão fazia movimentar a cidade, para onde vinham, de outros Estados e do interior, os caminhões que traziam algodão, os quais também levavam louças, ferragens, vidros, cerâmicas, tecidos, alimentos vendidos “pelas grandes e dinâmicas firmas armazenistas de atacado que faziam prosperar a cidade”.

Esperar pelo o viajante é um habito “*démodé*”, uma tradição do velho comércio do começo do século. O comerciante moderno está sempre apto a compra ao primeiro que lhe oferece um bom negocio. Esperar que esse negocio lhe venha mãos, ao invés de ir procurá-lo onde se encontra, constitui grossa falta de visão e dinamismo. (idem, p.43, 1984)¹¹.

Nas palavras de Lopes de Andrade podemos perceber que uma nova lógica instalava-se no comercio, também tomado pela modernidade. Uma nova forma de negociar e relacionar-se com o freguês, agora cliente. Tudo acontece rápido, não se pode esperar por um negócio, como o caixeiro viajante, mas negociar com quem vier, quem estiver andando pelas ruas da cidade e eram muitos os forasteiros de passagem ou que nela vinham habitar.

Para cuidar das finanças da população, cerca de 10 estabelecimentos encontravam-se na cidade: Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Caixa econômica Federal, Banco da Lavoura de Minas Gerais, Casa Bancária Magalhães Franco de Pernambuco, Banco do Comércio de Campina, Cooperativa Banco Agrícola, Banco Industrial de Campina Grande. Muitas pessoas vinham negociar em Campina, um centro comercial em expansão que atraiu gente vinda do campo.

A recepção às pessoas vindas do campo foi cercada por uma nova educação, uma nova sensibilidade que teriam que adquirir no solo moderno de Campina. As ruas abrigavam carros, animais, um comércio, pessoas que trabalhavam na indústria, os quais já se locomoviam em transportes coletivos pela cidade, embora não fossem em número suficiente para atender com eficiência e prontidão as pessoas que moravam mais distantes do centro. Nessa época,

¹¹ Esse livro foi editado durante o quarto centenário da Paraíba. Trata-se de uma coletânea de matérias publicadas no Diário da Borborema. A que citamos foi publicada em 4/08/1964.

verificaram-se certos acidentes com os novos transeuntes vindos da zona rural, desacostumados a esse ambiente com o qual experimentavam uma sensação de estranhamento. Sobre os imigrantes fala Agra do Ò (2006, p. 49-50):

Nestas confusões o homem do campo educava os sentidos: o chão que ele pisava era diferente, duro, imprestável para plantar, os caminhos seguiam por onde ele não conseguia prever, e regulavam-se por normas incompreensíveis, apertados entre paredes de prédios e casas que informavam eternamente que aquele mundo tinha uma geografia que não era nem de longe a sua. Entre esta realidade estranha e as imagens que se construíam na sua cabeça um chão seco de esperança se oferecia os pés. As horas eram diferentes, o sol e a lua eram meros ornamentos substituíveis pela iluminação pública, comer e dormir não eram como no sítio.

O que Agra do Ò fala é de uma nova sensibilidade em Campina, coisas que a modernidade começa a delinear, reforçada e imprimida nos habitantes pelo discurso de muitos intelectuais, médicos e políticos. A forma de tratar o “estrangeiro” pobre era bem peculiar, se compararmos aos imigrantes letrados que vinham do Recife ou mesmo do interior do Estado para ajudar a civilizar a Rainha da Borborema. Enquanto que a identidade do imigrante pobre, advindo da zona rural circulava entre a ideia ora de que ele ajudaria a cidade trabalhando na indústria, empregando sua força de trabalho para o desenvolvimento econômico da cidade, ora como aquele que ameaçava a “paz social” com sua presença. Sua apresentação de gente simples e iletrada, seu pouco traquejo para andar nas ruas da urbe, demonstravam o atraso social, o velho, o que deveria ser superado pela modernidade.

A sua forma de viver e enxergar o mundo não estava em acordo com a nova onda de modernidade de Campina, ao mesmo tempo em que deixara seu “mundo” não encontrava nessa cidade um lugar para si. A forma de habitar a cidade por vezes reproduzia as condições de vida rural. Alojaram-se longe do centro comercial, expandindo as fronteiras da cidade, lá criando galinhas e outros animais domésticos. No centro comercial da cidade, moravam em cortiços e em outros tipos de agremiações unifamiliares, que muitas vezes se apresentavam aos olhos dos campinenses como um lugar de doença e morte, despertando a atenção do Estado, o médico dos pobres. Sobre essa adequação de indivíduos nos fala Gurjão (1999, p. 102):

A vida na cidade, tanto em Campina Grande, quanto em João Pessoa enquanto cidades urbanizadas, exigiu dos homens e mulheres uma conduta e

uma forma de viver em real consonância com o perfil de cidadãos modernos, isto a partir da presença de novos sintomas econômicos e políticos na Paraíba e fora dela, a partir da década de 30.

Os que não estavam em conformidade com tais elementos modernos eram vistos como marginais, pessoas de hábitos estranhos, difíceis de serem compreendidos.¹² Dialogando como a visão de Cavalcanti (1999), vemos que a autora nos aponta a transição de uma Campina Grande rural para uma Campina urbana, onde coexistiam valores antigos e modernos. Vale lembrar que, segundo a visão dos autores antes citados, na época de 50 a 60 perpassavam, no nosso país, discursos progressistas cujas marcas era a exaltação de uma nação rica e industrializada.

Mas com a chegada de tantos forasteiros de valores rurais, ocupando de forma desordenada o espaço da cidade, proliferando cortiços, casas de pau-a-pique, transformação de casa antigas em casas de cômodos na área urbana e suburbana, levando a uma desarmonia urbana, anti-estética e anti-higiênica, Campina sentia a necessidade de disciplina esse corpo, fazendo-os adequar-se aos ideais de modernidade. Fez acordar nos poderes públicos e intelectuais o objetivo de conter esses novos habitantes, necessitava-se de novos projetos de ampliação da modernidade já existente e acordar no povo por meio dos discursos que proferiam a idéia de uma cidade limpa e organizada.

Foi a partir de espaços públicos e privados que se deu esse ordenamento, construção de escolas e hospitais, civilizando os costumes, educando o povo para conviver e fazer desenvolver uma cidade que já estava predestinada a ser grande. Esses espaços educam os habitantes ou não, mas ensinam um novo tipo de postura aos homens e mulheres, crianças e jovens que frequentavam tais espaços, recalçando todas as poluições físicas e mentais que comprometeriam sua imagem de cidade moderna. Como bem coloca Oliveira (2007, p.59), as ruas são espaços praticados por vários atores.

¹² Ver Foucault Os anormais. Indicamos essa referência foi com ela que começamos a delinear os indivíduos que não seriam bem quistos pela a sociedade campinense da época, o autor defini três elementos para que definiram o grupo dos anormais, o monstro humano liga a noção jurídico-biológico, o indivíduo a corrigir para os que escapam da normatividade do corpo e do comportamento, os onanista que destacam uma nova sexualidade e as novas relações familiares. Dessa forma juntamente, com outras leituras tentamos encaixar esse outro vindo da zona rural, essa definição do normal ou melhor do civilizado. Bem como procurar justificar como as escolas e a prisão tentavam normalizar os fora da norma, docilizar seus corpos, tomamos como exemplo os namoros em locais apropriado e o crescente numero de escolas na cidade. Livres de patologias e desvios de comportamento.

Ruas. Territórios desejados por homens, mulheres, ricos e pobres, trabalhadores e vagabundos, senhoras moralistas e meliantes, homens de negócios e pedintes, as ruas se constituem no aparelho circulatório de andantes, de negociantes, em territórios nos quais circulam memórias e economias simbólicas.

É justamente no cotidiano das ruas que as representações da cidade como espaço limpo e civilizado fazem circular discursos higienistas. Fomentam a representação de uma cidade grande e de futuro progressista, mas que apresenta práticas nem tão modernas e civilizadas. Possuindo um espaço físico que merecia ser plastificado pela modernidade, onde aconteciam as trocas simbólicas e onde o *habitus*¹³ de cada grupo é percebido, vivenciado pelos atores sociais. Onde se afirma uma identidade, muitas vezes fluída, movendo-se conforme as circunstâncias, atribuindo um lugar a cada sujeito, dando espaço para produzir as suas leituras de mundo, de produção de sentido, legitimando ou não certos projetos reformadores tanto para os que se julgam dominados ou dominantes.

A cidade de Campina Grande, na década de 50 á 60, respirava ares de modernidade e novas áreas de divertimento, como praças, parques de diversões, lojas e cinemas, animavam e impunham uma nova lógica na vida cultural campinense. Os jornais noticiavam: “Aqui e ali observa-se um novo melhoramento público, dando a cidade alentos de progresso” (O Momento 24/09/1950).

São os conclames noticiados nos jornais que nos possibilitaram pensar como as representações de cidade eram consumidas e praticadas na cidade. Os políticos e intelectuais empenharam-se para atender aos pedidos do povo. Desenvolvendo projetos e proferindo discursos que enalteciam o progresso de Campina, encobrindo o insuficiente serviço de saneamento básico, eletrificação, escolas e instituições hospitalares.

Observa-se um crescimento significativo em Campina Grande, do número de escolas e faculdades. O estabelecimento da Escola Politécnica da Paraíba, Faculdade de Filosofia e Ciências Econômicas datam da mesma década; ampliação e remodelação da rede elétrica pela “Siemens Companhia de Eletricidade”, a pedra fundamental do Lar do Garoto, no então distrito de Lagoa Seca, a instalação da IPESA (Indústria de Celulose da Paraíba). O comércio

¹³ *Habitus* me permite pensar as características de uma identidade social, predispondo os indivíduos a fazerem suas escolhas, uma matriz cultural ora consciente ou inconsciente. Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base nesse conceito, implica afirmar que o pessoal, o individual e social são orquestrados socialmente. Setton (2002).

também se expandia por meio de mercados públicos como o do bairro da Liberdade. Ou seja, no decênio de 50 á 60, ocorreram mudanças significativas para o desenvolvimento da urbe.

Pela lei municipal nº270/ano de 1952 a Casa Maternal Dr. João Moura começa a funcionar dando abrigo a crianças carecidas de proteção. Era preciso um lugar para crianças abandonadas, que enfeavam a cidade, que muitas vezes não eram bem asseadas, nem tão pouco educadas.

O Lar do Garoto destinava-se à reeducação de menores infratores, no então distrito da Campina Grande, atendia aos conclames da população, bem como os planos do candidato Newton Rique na Campanha de 1959, A Revolução da Prosperidade, onde o autor assim coloca no tópico sobre a assistência social:

1. Ampara à velhice desamparada e dos inválidos;
2. Socorro à infância abandonada;
3. Reeducação dos menores desajustados;
4. Eliminação da mendicância;
5. Ajuda a trabalhadores desempregados.¹⁴

No mesmo momento o número de hospitais e prontos socorros aumentaram, em 1959 houve a reforma e reorganização do Hospital Alcides Carneiro (IPASE)¹⁵, em 1960 funda-se a Liga Campinense Contra a Tuberculose, colaborando com órgãos oficiais ou não para o combate à tuberculose por todos os meios e formas. No ano seguinte realizou-se em Campina Grande a sessão preparatória para a fundação do movimento pró-criação da Faculdade de Medicina de Campina Grande. Essa conquista, dentre outras tantas, tinha o intuito de reorganizar a cidade para atender aos ideais de civilidade e modernidade tão comemoradas no ano do centenário em 1964, bem como assistir melhor a população campinense, que carecia de uma assistência médica, educação e lugares para uma socialização dos desviantes.

Os sujeitos históricos que agem nesse espaço são fomentadores de um ideal de modernidade e civilização. A modernidade está nas ruas, na vida cultural, nas práticas

¹⁴A Revolução da Prosperidade, Programa de Governo de Newton Rique, Campina Grande 1959, Acervo do Museu Histórico de Campina Grande .Esse plano de governo, como o autor coloca, representa uma ruptura no modo de fazer política, sendo a primeira vez que um candidato coloca no papel os planos para a cidade durante o governo, e, segundo Rique, após o estudo minucioso das reais condições da cidade.

¹⁵ Na época o hospital era um exemplo, um modelo de atendimento e de instalações privilegiadas na cidade.

higienistas do momento. Um dos exemplos de como o moderno e o antigo ainda dialogavam em Campina Grande é a reforma e modernização do cine Capitólio. Mesmo que a Prefeitura não admitisse nenhum melhoramento no prédio que viesse aumentar o valor venal do cine, por outro lado almejava um projeto de urbanização que aumentaria a praça Clementino Procópio, necessitando do espaço ocupado pelo Cinema, sem no entanto desapropriar o prédio para tal, apenas impellido mais um melhoramento na cidade. Na sua coluna no *Diário da Borborema*, Lopes de Andrade discute sobre o impasse entre a prefeitura e a Empresa “Cinema Capitólio”:

[...] a demora em efetivar aquele projeto prejudicou o progresso campinense no setor diversional impedindo que a única Empresa Exibidora de Filmes, que até aqui realmente se dispôs a investir maiores capitais em Campina Grande, realizasse reformas e outros programas em sua principal casa exibidora local (ibidem, 1984, p.47) ¹⁶.

Se a Prefeitura relutava em reformar e modernizar o “Capitólio”, um marco “natural” na cidade deve ser modernizado: o Açude Velho¹⁷. No decorrer de sua história, o açude serviu para várias finalidades. Suas águas serviam para banhos, até que a ciência do Dr. Queiroga, amparado na descoberta do xistossomose nos rios de Pernambuco, alertasse para o perigo que tais banhos representavam. O número de edificações aumentou nas suas margens, inibindo os banhistas. As águas do reservatório mataram a sede dos campinenses, porém na década de 60 já bebiam água de Boqueirão. Na memória de Lopes de Andrade ele assim apresenta o açude:

Publicou o “Diário” de ontem a notícia de que a Prefeitura vai iniciar a urbanização do Açude Velho, a velha represa que é um dos motivos estética da nossa cidade pela diversificada importância que a água assume na paisagem semi-árida do Nordeste. Entre os campinenses antigos era vezo dizer-se que “quem veio a Campina, bebeu água do Louzeiro (hoje praticamente desaparecido) e tomou banho no “Açude Velho”, não podia esquecer-se desta cidade (ANDRADE, 1984, p.45)
18

¹⁶ A coluna intitula-se *Modernização do Cine Capitólio*, em 4/10/1962

¹⁷ Nos casos citados, tanto o Capitólio, como o Açude Velho, tiveram seus espaços e usos modificados pela modernidade.

¹⁸ Publicado no *Diário da Borborema* em 20/11/1957. O autor também aponta para a localização do palacete funcional da “Sociedade Médica”, nas margens do Açude.

No discurso do intelectual percebemos a preocupação estética, ao mesmo tempo memorialista, com um marco urbano de Campina. E a importância da água em fins da década de 50, onde o autor coloca a troca das águas do açude pela das “grã-finas águas de Boqueirão”, pela chegada do algodão. A mudança na fisionomia e na utilidade do Açude Velho faz parte do processo de modernização e do novo sentido que os habitantes da cidade lhes dão.¹⁹

Todas essas conquistas modernas que analisamos vieram juntas com um discurso de intelectuais e políticos da época, forma uma nova representação da cidade, uma nova beleza estética nascia com as conquistas materiais e simbólicas da modernidade. O que existia devia ser melhorado, pois já não atendia às necessidades da cidade. Convivem no mesmo espaço o velho e o novo, em dinamicidade constante, o popular e o erudito em pleno diálogo, um dentro do outro em troca constante.

Essas trocas propiciam a construção de uma identidade para Campina, enquanto cidade moderna e progressista, não obstante suas contradições flagrantes, visto que, mesmo que se mostrasse ainda carente de saneamento básico e eletrificação, por outro lado se caracterizava como uma cidade moderna em franco desenvolvimento. A cidade ia de aldeia a metrópole, de acordo com quem proferia o discurso das estratégias escondidas no seu lugar social. Levando assim a novas práticas sociais, a um novo sentido para a vida dos habitantes modernos de Campina Grande.

1.2. Uma nova forma de fazer política em Campina Grande: Cabral x Rique

O decênio de 50 a 60 em Campina Grande foi um período inovador na vida da cidade. Todo um discurso desenvolvimentista envolvia o país na época chegando à urbe uma nova forma de fazer e de dizer a política na Rainha da Borborema. Não poderíamos deixar de falar das eleições de 1959, pela primeira vez os candidatos a prefeito colocavam no papel seus planos para a cidade.

A gestão do prefeito Elpídio de Almeida encerra-se em 1959, o sucessor de Plínio Lemos abria espaço para uma nova disputa eleitoral. Na gestão do Dr. Elpídio de Almeida houve todo um processo de recomposição do espaço urbano, fazendo-se presente em meio à

¹⁹ Ver também Giscard Agra (2006).

limpeza de terrenos, a construções e recuperações de prédios, arborização da cidade. Um aspecto interessante de Elpídio de Almeida é sua “resistência” ao ensino superior, ele julgava mais importante a implantação de escolas primárias.

[...] Para Elpídio de Almeida, que foi um dos melhores prefeitos de Campina Grande (eleito duas vezes pelo povo), o ensino primário amplo e generalizado, na cidade e em todo o município, de boa qualidade, servido de boas condições de pessoal docente e de equipamento escolar, devia ser a primeira preocupação da Prefeitura. Ele achava que os recursos de que dispunha o município, nem sequer bastava, para a realização do tipo de ensino fundamental que ele desejava para a população. Aliás, ele lutou e conseguiu do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, dinheiro suficiente para a construção dos excelentes grupos escolares ‘Felix Araújo’ no Catolé, ‘Melo Leitão’ em Santa Rosa e ‘Anísio Teixeira’ na Palmeira. Todos esses estabelecimentos estavam localizados em amplos terrenos de modo a permitir, no futuro, ampliações ou a criação de serviços complementares (LOPES,1989, p.112).

Para o então prefeito a alfabetização do povo deveria vir em primeiro lugar, seguida pela preocupação com o ensino superior. De fato, a criação desses grupos escolares marcou a segunda gestão do médico. Na primeira, um dos ressentimentos que o homem de letras Lopes poderia ter em relação a Elpídio de Almeida²⁰ seria o não funcionamento da Faculdade de Ciências Econômicas, criada na gestão de Plínio Lemos. A criação da Faculdade de Ciências Econômicas, juntamente com a Escola Técnica de Comércio, está ligada a um processo educacional e econômico para o desenvolvimento de Campina.

Mas, por uma incoerência do destino, a escola de maior peso educacional do Município levava o nome do médico, consolidando-se com o ensino ginásial de primeira qualidade. A estrutura grandiosa da escola levou alguns anos para ser construída, iniciando-se no governo de Osvaldo Trigueiro (1947-1950) e inaugurada em 31 de janeiro de 1953. Foi o decreto nº 456 de 18/07/1952 que autorizou o funcionamento da E. E. M Dr. Elpídio de Almeida,²¹ que figurava entre os símbolos da modernidade e desenvolvimento.

²⁰ No campo médico, deve ser registrado a construção e pleno funcionamento do Alcides Carneiro, em 1955, que permitiu o desenvolvimento técnico da medicina, atraindo um grande número de especialistas, em caráter permanente ou temporário (Lopes, 1989)

²¹ A escola ficou conhecida como Estadual da Prata ou Gigantão da Prata devido às proporções físicas da mesma. Foi no pátio da escola ainda em construção, que o governador José Américo, sancionou a lei de criação da Politécnica em 1952. O primeiro marco do ensino superior na cidade, a Escola Politécnica teve autorização do governo federal para funcionar iniciando suas atividades nas próprias dependências do colégio Estadual da Prata.

No entanto, mesmo sem apoio do prefeito em questão, intelectuais como Lopes de Andrade não abriram mão de seu projeto de transformar Campina em um núcleo de ensino superior. Dando sua ajuda ao Bispo D. Otávio de Aguiar, para a criação da Faculdade Católica de Filosofia e da Faculdade de Serviço Social pelas irmãs do São Vicente de Paula, localizado nas margens do Açude Velho, asilo e educandário de menores que prestava seus serviços à cidade, mantinham também um instituto de educação no bairro do Santo Antônio.

[...] E foi com esse inigualável homem público que era Elpídio de Almeida, que Lopes de Andrade, Edvaldo Souza do Ô e Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque conseguiram a criação da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (FUNDACT), que tinha, entre seus objetivos, o de promover o desenvolvimento do ensino superior na cidade (Idem, p.64).

Os homens que tomaram a direção da FUNDACT²² (Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica) foram Antonio Moraes, presidente da Escola Politécnica, Lopes de Andrade, que ocupou o cargo de diretor, Edvaldo de Souza do Ô²³, estes dois últimos trabalhando e atuando numa sintonia impressionante²⁴, e Lynado Cavalcanti de Albuquerque. No conselho estavam Eliseu Lira, do Banco do Nordeste e membro do Grupo Cariri, Otacílio dos Santos Silveira, diretor do DNOCS, Padre Emídio Viana diretor do Estadual da Prata, Jose Stênio Lopes, e outros atores de outras organizações que contribuíam para o progresso de Campina. Todo esse interesse pela educação também adentrou nas eleições do ano de 1959 e nos programas políticos em várias partes do Brasil.

No dado período observa-se o papel do Estado como responsável pelo desenvolvimento, a identificação com a figura de um Sujeito que fomentaria as transformações da sociedade, que se identificava com os anseios dela. Assim as eleições Estaduais e Municipais traziam uma atitude moderna e todo um teatro moderno, cercado de imagens e discursos planejados, difundidos pelos jornais da época. Sobre essa representação no jogo político Railane Araújo (2009, p. 39) discorre:

O sujeito que protagoniza as cenas da política busca cristalizar para si uma representação que o identifique com as aspirações de sua sociedade, de

²² O prefeito Elpídio de Almeida participou do empreendimento enviando, mensagem à Câmara, doando um patrimônio para que a entidade pudesse iniciar suas atividades. A FUNDACT teve uma participação decisiva para o ensino superior na cidade, doou terreno ao Estado para a construção da Politécnica. Assumiu financeiramente as duas faculdades existentes, a de Filosofia e Serviço Social.

²³ Edvaldo Souza do Ô foi diretor de educação e cultura na segunda gestão de Elpídio de Almeida.

²⁴ Outro ato inusitado das duas figuras foi a criação na gestão de Williams Arruda, da Universidade Regional do Nordeste em 1966.

modo que a legitimação do poder em suas mãos seja facilitada. O *público* é, assim, envolvido pelas emoções e intempéries da encenação política.

Foi assim que ocorreu o pleito do governador Pedro Moreno Gondim estudado pela autora, foi assim que ocorreram as eleições em Campina Grande no fim de década de 50, entre Severino Cabral e Newton Rique. Falar dessas duas figuras nos esclarecerá sobre o novo tipo de prática política que se configurava na urbe.

Newton Rique, falando no seu plano de governo *Revolução da Prosperidade*, no tópico intitulado “Sentidos de minha candidatura”, fala sobre o progresso que ameaça passar e deixar a cidade para trás. Enquanto candidato, e em consonância com o que havia de mais moderno, no mesmo ritmo que a cidade andava, provavelmente referia, nesse tópico, ao seu oponente Severino Cabral, que representava, se assim se pode dizer, um progresso de antigamente.

Minha candidatura não se deve a uma inspiração de tendências, desde algum tempo manifestadas no seio de todas as classes campinenses, visando a conferir á nossa cidade e a todo o município uma direção econômica e financeira, estruturada dentro das exigências ditada pela a fase de progresso que ameaça passar por nós sem deixa aqui sua marca.²⁵

As práticas clientelistas já não cabiam mais na atual moldura da cidade, de fins da década de 50, e precisavam ser substituídas ou renovadas. Propõe-se uma nova imagem para o candidato, de alguém que troca votos por favores, para um líder que conhece as reais situações da cidade:.

Assim o senhor Newton Rique planeja, através de uma dinâmica diferente das campanhas anteriores, principalmente pela atenção que dará as solicitações coletivas, desde o útil e necessário telefone ate a *Revolução da Prosperidade* pela implantação de grandes indústrias, altera os métodos políticos vigentes e caducos, dando-lhes uma mensagem e um sentido. (Diário da Borborema, 24/02/1959).

Inicia-se um processo de singularização entre os concorrentes à prefeitura campinense; Severino Cabral, que fazia de sua casa um balcão de favores, precisava demonstrar que, ao

²⁵ Idem, 1959.

contrário do que muitos falavam, também era capaz de colocar no papel seu *Programa de Governo*, entrando na apresentação de candidato do momento. Suas propostas foram incrementadas por Figueiredo Agra, num documento intitulado *A Revolução de Polichinelo*. O autor era parente de Argemiro de Figueiredo, que financiava a campanha de Rique. A ideia era desmentir a necessidade de Campina industrializar-se, de modo que se defendia, então, a priorização de investimento na agropecuária e na pequena indústria

Severino Cabral, utilizando-se de uma política paternalista e assistencialista, também favoreceu o crescimento de organizações sindicais, doou terrenos às classes mais pobres, dispensou impostos de outros.

Severino Cabral empenhou-se nessa política desenvolvimentista e modernizante,²⁶ por isso criou o FUMINGRA (Fundo Municipalista de Industrialização de Campina Grande) e a CINGRA (Companhia de industrialização de Campina Grande), que já demonstram todo um processo de burocratização e organização da indústria na cidade.

Esse apoio à industrialização mostra a crise no setor agrícola, o processo de concentração fundiária que deslocou um número significativo de pessoas para a cidade, em razão de uma desvalorização do sisal, a cidade precisava se estruturar para receber esses habitantes que faziam crescer o número de favelas na cidade e a sobrevivência de valores rurais nesses bairros.

Enquanto a *Revolução da Prosperidade* baseava-se em Educação, Industrialização, Alimentação, as ideias de Cabral apoiavam-se na industrialização do campo por assim dizer, indo de encontro com os ideais modernos que circulavam na cidade. Modernidade, industrialização e Revolução davam um novo sentido à vida dos habitantes da cidade, que precisavam ler sobre que cidade queria para si, para todos.

Produzimos este tópico para situar politicamente a cidade e dar sentido a sua ligação com a educação, o envolvimento de intelectuais com esse processo de civilização dos sentidos. E de como o olhar Newton Rique²⁷, (vencedor daquele pleito), enquanto analítico e quantificador, contribuiu para identificar a “real situação” da cidade. E pondo em prática um dos lemas da *Revolução da Prosperidade*: “Precisamos fazer a Política dos pobres, não dando esmolas aos pobres, mas fazendo com que os pobres possam viver sem esmolas”.

²⁶ Deve ficar claro que Cabral queria também a Revolução, só que por caminhos diferentes da de Rique.

²⁷ O fiador da campanha de Rique, Argemiro de Figueiredo, foi um dos reformadores do ensino no Estado, seguindo as idéias de Getulio Vargas.

Indivíduos modernos, agindo de forma moderna, não se satisfazendo com práticas paternalistas, ansiavam pelo progresso da cidade. A modernização não é apenas material, mas também subjetiva. Circulavam na cidade debates entre intelectuais sobre educação, sobre um novo campinense, uma nova cidade. No país também se discutia nos Congressos de educadores qual a melhor educação para o povo, uns como forma de conter atos subversivos, outros para conter o êxodo rural ou afirmar a democratização.

Entendia-se que o espaço instituído da educação – de certa maneira confundido com a escolarização, o que é uma indicação interessante dos limites daquele pensar - era o lócus desta transformação subjetiva, ou seja, desta re-criação dos campinenses, ainda mais porque a cidade era,naquele instante, um pólo *geo-educacional* ,com várias escolas de nível médio, três escolas de nível médio, três escolas técnicas de comércio, faculdade de Filosofia e Ciências econômicas, uma Escola de engenharia, dois Seminários Católicos e quase quatrocentas escolas primárias públicas. (NASCIMENTO apud AGRA do Ó, 2006, p.114)

Para adequar-se melhor às novas tendências políticas, ao novo âmbito moderno da cidade, os campinenses necessitavam de serem educados. “Levando cada um a relacionar-se com um outro que o dirigia:os educandos teriam o seu professor,assim como os campinenses teriam o seu preparado prefeito” (do Ó, 2006, p.114). Um processo de civilização por meio da educação, manteria as ruas da cidade limpas, as casas arejadas, longe de hábitos rurais e seus deficientes níveis de higiene. Os habitantes da cidade aprenderiam uma profissão para servir e produzir nas indústrias e comércios campinenses, bem como atentariam para os valores da elite letrada.

O crescimento populacional da cidade instaurava problemas como moradia, higiene e mendicância. O próprio bispo Dom Anselmo Pietrula convoca os moradores mais abastados de Campina Grande a providenciarem recursos para livrar a cidade dessas criaturas que enfeiam e comprometem a imagem da cidade, considerados como portadores de doenças contagiosas.

Eles devem ser extirpados das ruas da cidade, representam a falta de higiene e a resistência de alguns habitantes ao modelo capitalista, pois esses mendigos não trabalhavam, não produziam para o modelo socioeconômico que se apresentava no Brasil em 1950. Até início da década de 60, havia nas ruas centrais de Campina animais e lixo que dificultavam o comércio e retratavam cenas de uma vida rural.

Desde meados da década de 50, circulavam pela cidade discursos de intelectuais que fomentavam uma imagem de modernidade para a Rainha da Borborema. Foi o caso da

conferência do sociólogo Alceu do Amoroso Lima sobre o tema “Nordeste para a Civilização brasileira”, no salão nobre do Campinense Clube, onde se evidencia o desejo da cidade ir para à civilização, para o progresso. Bem como estabelece uma identidade para a região Nordeste, um processo de identificação com a civilização.

O apoio para tais discursos encontrava-se nos personagens políticos da época, na teatralização da política, infundindo nos habitantes da urbe um novo sentido e novos saberes tributados de poderes que enredam a cidade em Cultura médico-educacional. É justamente nessa articulação de saberes e de poderes, dos espaços que produzem indivíduos educados e sadios que falaremos mais adiante, aqui um esboço do panorama político que, articulado com intelectuais, preparavam a moldura para esmiuçarmos essa rede de espaços de disciplinamento.

1.3. As Faculdades e Escolas

Observar-se na década de 50 a 60 um crescimento no número de grupos escolares, escolas técnicas e faculdades em Campina Grande. Fala Stenio Lopes (1989) sobre vários acontecimentos de real significação que, durante o decênio, tenham contribuído para tal crescimento. Um deles foi à criação da Escola Politécnica de Campina Grande, corajosa iniciativa de um dinâmico grupo de engenheiros e professores campinenses, logo incluída entre as unidades da Paraíba, criada no governo de José Américo. O que despertou iniciativas para a criação da Faculdade de Filosofia, através da diocese da Campina Grande e a de Serviço Social ligada à congregação Religiosa São Vicente de Paulo, como antes citados.²⁸

Em 20 de maio de 1961, temos o movimento de pró-criação da Faculdade de Medicina na Rainha da Borborema, e já tínhamos na cidade três faculdades, mas a importância de uma instituição médica de caráter educacional tinha uma conotação singular no contexto de 50 a 60. A cidade contava no fim da década de 50 com 82 médicos que já tinham sua “Sociedade Médica” reconhecida como de utilidade pública desde 29 de fevereiro de 1952.

²⁸ Nas palavras de Williams Arruda, ele assim justifica o crescimento do número de Universidades no país, “No Brasil, a tradição universitária – se é que já podemos falar em tal tradição, nova de menos de meio século – está mais próxima do modelo antigo de Universidade, que se preocupava, antes de tudo, com o saber pelo saber, do que a Universidade Moderna, para a qual todo saber é função precípua como causa e efeito, da capacidade de produção do homem”. (SOUZA do O, 1986). As universidades modernas para Williams seriam aquelas produtoras de saber destinado a uma função produtiva na sociedade já que no parágrafo seguinte ele cita o modelo norte americano, que prepara quadros científicos e técnicos para servirem à produção, principalmente após a Revolução Industrial.

A importância que é dada à educação pode ser vista pelo o número de escolas que são inauguradas na década de 50. Em 1960 tínhamos 156 escolas primárias²⁹ municipais, 48 escolas primárias estaduais, 13 escolas primárias particulares, 5 estabelecimentos de ensino secundário³⁰, 1 escola de aprendizagem industrial, 15 escolas supletivas federais, 3 faculdades (Engenharia, Filosofia e Serviço Social), 5 bibliotecas públicas e semi-públicas, 16 estabelecimentos de saúde hospitalar e para-hospitalar e 5 asilos ou casas de recolhimentos pra crianças e idosos.

A cidade, em 1960, contava com 2.199 prédios, casas e casebres, tinha uma população no município 211.351 habitantes, desses 116.083 moravam na cidade, a população urbana precisava ser educada, educada para não jogar lixos nas ruas, namorar de forma decente, e em lugares adequados, e desenvolver-se intelectualmente para habitar as ruas de uma Campina moderna.

Os estudantes universitários e secundaristas, com a colaboração do poder municipal, através da Secretaria de Educação da Prefeitura, iniciarão nos bairros da cidade uma série de comícios de politização e esclarecimento das massas, como primeiro movimento de cultura popular, que tem como dirigentes as entidades estudantis universitárias e secundaristas. (FILHO, 2005, p.233-234).

O número de escolas supunha um número adequado de professores. Foi fundada em 1954 a Associação dos Professores Secundários de Campina Grande, tendo como presidente provisório o professor Antônio de Oliveira, sinal de que havia na cidade o número significativo de mestres, que se associavam para se afirmarem enquanto categoria. O sindicato das Enfermeiras da cruz branca- e- amarela é um dado bastante interessante, pois existia um número pequeno de profissionais, vindos de João Pessoa.

Em 1962, a cidade sofria com a epidemia de poliomielite. Na pessoa do secretário de saúde da época, a elite letrada campinense prometia nos jornais uma remessa da vacina Sabin, autoridades como o prefeito e o bispo reuniram-se na Associação Comercial para programar a vacinação das crianças que teve excelentes resultados na cidade. Uma amostra de como a população já aceitava a intervenção médica em seus corpos.

²⁹ Elpídio de Almeida (1979) fala da criação das primeiras escolas primárias no Estado, no fim do período colonial, em 6 de abril de 1822, onde das doze escolas destinadas pela Metrópole para o interior da província, apenas uma coube a Campina, permanecendo assim mesmo depois da Independência.

³⁰ A primeira instituição de ensino secundário foi o Grêmio de Instrução Campina –Grandense em 1899.

Essa prática de medicina preventiva, ligada aos bairros, vai aos poucos dando lugar a medicina de caráter curativo, e os postos de Re-Hidratação vão dividir o território da cidade com hospitais, dando consistência a essa disciplinarização dos corpos, que envolve um maior número de médicos, enfermeiras, escolas e faculdades. Para dar um lugar para essas pessoas de moradia insalubre que eram medicadas nos discursos e ações dos que exerciam o poder na cidade, que detinham um saber, um lugar privilegiado na sociedade.

Os agentes disciplinadores frutos dessa Campina educada e polida vão disseminar seu conhecimento pela cidade, nos bairros mais populares, na periferia, longe do centro urbanizado e civilizado. Damos destaque nesse tópico às universidades e escolas como reprodutoras de todo um discurso instituído na cidade, pelo número significativo delas e pelas mudanças educacionais que ocorriam no país. Na década de 50 e início de 60 foram marcadas várias reformas, desde o ensino de 1º e 2º graus até a Reforma Universitária, e ainda por grandes alterações no panorama político e econômico da nação (GIOVANINI, 2002, p. 107).

A visibilidade que as escolas e os postos de saúde ganham nesse período é uma das maneiras de manifestação de todo um discurso higienista e civilizador que percorria a cidade. Cidade moderna e educada, limpa e civilizada, Campina Grande caminhava a passos largos para o seu destino de ser grande e moderna. A modernidade e progresso estavam presentes nos jornais e propagandas da época, mas deixava transparecer a falta de água potável na cidade, um dos problemas que mais importunavam os moradores de Campina Grande.

Em 1953, a “União Universitária Campinense” é reconhecida de utilidade pública, já tínhamos uma organização estudantil, e, portanto, certa importância para o saber instituído pela universidade, pelo número significativo de universitários que formaram essa agremiação³¹. Também floresce um número de escolas destinadas à mão de obra que a cidade necessitava para fazer funcionar a maquinaria moderna. Escolas como SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), onde havia exposição dos trabalhos dos alunos, e era consideravelmente visitada. Onde os jovens eram educados para o trabalho na indústria, idealizada por Stênio Lopes.

³¹ Esses universitários estudavam em Recife e João Pessoa, reunidos por Edvaldo Souza do O para criar essa entidade, gerindo os primeiros passos das instituições superiores na cidade. Em João Pessoa José Américo de Almeida, já iniciava a criação de escolas superiores, deixando Campina fora de seu projeto, daí a necessidade de criar A união Universitária em maio de 1952. Seu suporte financeiro veio da própria comunidade, e dos cinemas Capitólio e Babilônia, através de Lívio Wanderley, cobrando pequena taxa dos frequentadores. Conseguiram com a interseção do deputado Severino Cabral, o apoio para a criar a primeira escola superior da cidade.

É dessa junção do saber das escolas com o saber médico que a cidade se educa e se higieniza livrando-se das mazelas que acometem seu corpo. Os médicos educam e também socializam saber.

O SESI, núcleo de Campina Grande, em reunião realizada no salão nobre da 'União dos Moços Católicos', solenizou a entrega de certificados da sua segunda turma de concluintes dos cursos de Arte Culinária, Economia Doméstica e Costura, dirigido pelo Dr. Francisco Brasileiro. (FILHO, 2005, p.198)

A identidade modifica-se conforme a circunstância. Vê-se, por exemplo, O Dr. Francisco Brasileiro, dirigindo um curso de arte culinária, atividade muito distinta de sua função e lugar de médico respeitado na cidade. Mas o médico também educa, educa seus pacientes, educa uma cidade que almeja ser saneada, arejada e embelezada pela higienização dos corpos e mentes, e um sujeito mais indicado para isso certamente é o médico.

O médico que adentra os lares para vacinar, que visita os doentes, como médico de família, agora junto ao Serviço Social da Indústria dirigiu uma educação doméstica, mas com as mudanças que a modernidade traz nosso ator empregará seu tempo em desenvolver seu espaço de cura. É justamente sobre os médicos e sua educação que iremos falar no próximo capítulo, bem como na educação que ele dará aos auxiliares de enfermagem que formará e os novos espaços que se formaram em Campina, com uma nova forma de praticar a medicina.

Capítulo 2: Entre práticas e discursos: a ordem médica e crescimento hospitalar

2.1. Intervenções médicas no corpo urbano de Campina Grande

Este capítulo destina-se a discutir as práticas médicas em Campina Grande, bem como a realidade da rede hospitalar na década de 50 á 60 na cidade. Para tanto, iremos discutir o que é ser médico moderno, como esse saber se encarrega de introduzir nos sujeitos as noções de “normalidade” e “saúde”. Cabe, então, discutirmos os espaços de cura na urbe, as impressões e funcionamento do nosocômio. Foucault faz uma análise do hospital, fazendo uma ponte com a urbanização e até mesmo com um certo processo de civilidade.

O hospital, como a civilização, é um lugar artificial em que a doença, transplantada, corre o risco de perder seu aspecto essencial. [...] E, além disso, podem-se apagar as desagradáveis impressões que causa ao doente, afastado de sua família, o espetáculo dessas casas que não são senão “o templo da morte?” (FOUCAULT, 2004, p.17).

Os traços que são ressaltados sobre o hospital, enquanto máquina de cura, é justamente o de isolar o indivíduo, propiciando um lugar específico para os doentes, disciplinarizando-os. Agindo conforme terapêutica apropriada, estando o indivíduo sobre o olhar vigilante de enfermeiras, sendo foco de um saber médico. Essa conduta de isolar indivíduos no hospital passa justamente por uma imagem do hospital como um lugar insalubre, ligado à morte e ao sofrimento³²; ou, como nas primeiras décadas do século XX, como modernidade e saúde, símbolos do desenvolvimento e eficácia médica³³. No hospital, o indivíduo “perde” sua identidade, passa a ser uma doença, um número no leito, um objeto de estudo.

³² Nos primórdios do Hospital Colônia Juliano Moreira existia um pavilhão intitulado Asylo de Sant’Anna, destinado aos doentes mentais que é assim descrito. “O Asylo era um pardieiro com 12 celas escuras e sem ventilação, com portas fechadas por grades de ferro, onde podiam ser vistos doentes de olhos arregalados, faces encovadas, magros, mal cheirosos, com vestes sujas e esfarrapadas, protagonizando um cenário terrificante, vergonhoso, humilhante e extremamente desumano, conforme bem disse o Dr. Edvaldo Brillhante” (MENDONÇA, 2004, p.58).

³³ O questionamento do hospital começou a ser feito ao longo do século XVIII, com as mudanças na concepção de assistência e com o desenvolvimento das discussões sobre higiene. Nesse século surgem também os hospitais especializados. Foucault (1995) destaca que a grande diferença desses hospitais para aqueles que existiam até então se refere à questão dos cuidados médicos: enquanto que a especialização dos hospitais medievais esteve

A medicina preventiva na cidade de Campina Grande, um pouco antes de 1950, baseava-se na higienização de espaços, na circulação da água e do ar. A Fundação Rockefeller³⁴, por meio dos agentes policiais, ia às casas a fim de prevenir o aparecimento das epidemias na cidade, vistoriando depósitos de água e condições de moradia da população pobre, ficando tais agentes conhecidos como mata-mosquitos.

A presença norte-americana da Fundação Rockefeller impulsionou o desenvolvimento da ciência no Brasil a partir das primeiras décadas de 1900, principalmente no desenvolvimento da Enfermagem enquanto profissão. Atuava junto a entidades públicas e comunidades científicas dos principais estados brasileiros economicamente estruturados e que podiam reconhecer os méritos de seu trabalho.

Muito se tem escrito sobre a Fundação Rockefeller no Brasil, sobre as ações filantrópicas e principalmente na saúde pública. Enviou altos recursos para o Instituto de Hygiene no período de 1918 a 1925 e para a reformulação da Faculdade de Medicina de São Paulo, no sentido de transformá-la em modelo na América Latina (STUTZ, 2009).

O modelo pasteuriano preventivo de pesquisa e gestão institucional influenciou significativamente no Brasil de fins do século XIX e início do XX pelos resultados na urbe francesa e dos postos e médicos de família. O modelo de higiene seguido pela fundação permeava o espaço urbano no Brasil e em Campina Grande.

Segundo Agra (2006), a missão Rockefeller em Campina Grande data de 1926, atuando junto aos postos de Profilaxia Rural, no combate à malária e à febre amarela, especialidade da Rockefeller. Causavam atritos com a população, pois para combater a febre amarela tinham que petrolizar a água, o que gerava desconforto nos moradores; mas a principal queixa seria o modo descortês e incivilizado com que os agentes da Rockefeller agiam com eles, passando a invadir as casas fechadas. Discursos de políticos, como o então presidente João Suassuna, apoiavam este tipo de abordagem dos “polícias”, porém muitas pessoas desobedeciam aos mata-mosquitos, trazendo os transtornos das doenças endêmicas de volta à sociedade. Ou seja,

pautada na exclusão, na segregação e na crença dos males que os loucos, os sífilíticos e os leprosos podiam transmitir às populações, os novos hospitais estavam baseados nos cuidados específicos às doenças. Outra característica do século das Luzes é a transformação do hospital em uma “máquina de curar”; no século seguinte ele se tornaria um “equipamento de saúde, lugar de prática, de ensino e de pesquisa” (MUSÉE apud SANGLARD, 2006, p. 6).

³⁴ A Fundação Rockefeller foi criada nos Estados Unidos em 1913 a fim de unificar as ações filantrópicas da família Rockefeller. Stutz, afirma que, dentre outros motivos para a sua criação, estaria a construção de uma boa imagem de John Davison Rockefeller, para justificar seu império financeiro e mascarar com a fundação possíveis desvios de dinheiro. A International Commission da Fundação Rockefeller chegou ao Brasil em 1917.

a missão de formar uma “Consciência Sanitária” não atingia pleno êxito pela forma dos agentes em tratar a população.

As ações dos funcionários da Missão Rockefeller no combate á febre amarela gerariam também outros conflitos e outros embates diretos com a população, chegando até mesmo a agressões físicas de ambas as partes, além de diversas críticas vindas da própria elite letrada dirigida ás elites médicas e suas formas de atuação para com o povo, desrespeitando-o em suas crenças e seus valores e sua própria intimidade (AGRA, 2006, p.104)³⁵.

Muitos foram os caminhos que a civilização tomou em Campina no começo do século, quando os homens de letras como Hortênsio Ribeiro, historiador advogado e cronista, tomou as dores do povo, criticando os médicos sanitaristas da época, criticando sua forma de civilizar e higienizar os corpos e lares, bem como defendendo curandeiros³⁶ e outras práticas pouco científicas.

As práticas dos curandeiros amedrontavam as elites locais, acostumadas com as antigas e sempre úteis relações de favor e dependência que lhes rendiam dividendos, especialmente em época de eleições. Os curandeiros interferiam portanto, na configuração do espaço e nas relações de poder na cidade, dando-lhe novas cores e mostrando claramente como o projeto de reordenação daqueles espaços, em nome do higienismo e da civilização, era compreendido diversamente e teria que submeter, disputar espaços com parte dos que não aceitavam sua lógica ou o compreendiam diferentemente (SOUSA, 2001, p.152).

Esse episódio data de 1934, e o embate entre o médico João Arlindo Correia e o curandeiro ganhou os jornais da época, quando o que existia eram os postos de profilaxia, não havendo um lugar moderno de cura. As pessoas procuravam curandeiros, pois eles trabalhavam de graça, mantinham relações amistosas com elas, enquanto alguns médicos

³⁵ Caponi(2001)assim descreve a função do visitador domiciliar A preocupação sanitária e jurídica de controlar e moralizaras condutas dos setores menos privilegiados da população, ou melhor dizendo, a persistência da antiga associação entre condições físicas e condições morais. A figura do visitador a domicílio parece ser um elemento-chave para garantir a eficiência das estratégias de assistência-moralização. Todo um exército de visitantes estava encarregado de controlar os desvios, realizando uma vigilância minuciosa, acompanhada de conselhos mais ou menos óbvios e dificilmente aplicáveis. Com a finalidade de evitar que os recursos destinados à caridade fossem desperdiçados, o visitador brasileiro devia cumprir a missão de

³⁶ O caso também é citado por Fábio Gutemberg na sua tese cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande -1920-1945, “língua de Aço” com ficou conhecido José Cassimiro, preso várias vezes em 194 por prática ilegal da medicina, ganhando fama na cidade.

como o acima mencionado eram apontados nos jornais por tratarem mal a população. Dessa forma, encaramos essa relação sob a ótica de Roger Chartier (1990, p. 137):

O que equivale dizer, simultaneamente, que as práticas contrastantes devem ser entendidas como concorrência, que as suas diferenças são organizadas pelas estratégias de distinção ou de imitação que os empregos diversos dos mesmos bens culturais se enraízam nas disposições do *habitus* de cada grupo.

Dessa forma, entendemos que os esquemas de percepção e apropriação são distintos, não mostrando um repertório comum de respostas a “problemas comuns”, que práticas sociais são variáveis, e que produzem distinção diante do lugar de produção.³⁷ O *habitus*³⁸ para nós seria um mediador entre práticas individuais e as condições sociais. Ao ver uma prática de curandeirismo, o Dr. Arlindo Correia, que tinha práticas médicas distintas das que o curandeiro José Casimiro mantinha, gerando certa concorrência e afirmando distinções em uma e outra prática. Entendendo-se que o senhor Arlindo Correia queria afirmar a superioridade de sua ciência, sendo rebatido por outro intelectual, Hortênsio Ribeiro, talvez aí caiba localizar o *habitus* de cada grupo social envolvido, o que não se mostra no momento pertinente para o andamento do nosso trabalho.

Através de medidas autoritárias, como já descritas acima, a higiene médica sobre o espaço urbano começa a ganhar força no começo do século XX³⁹ em Campina, com a extirpação de práticas populares de medicina, a retirada compulsória do povo de moradias insalubres, da vigilância de práticas rurais que necessitavam de uma polícia médica que visitasse as moradias enquadradas em tal estado. Essas pessoas passam por um processo de educação de sentidos, levando-as a agir conforme um regime de higiene, como bem coloca Foucault (1979):

Esta higiene, como regime de saúde das populações implica, por parte da medicina, um determinado número de intervenções autoritárias e de medidas

³⁷ As práticas de cura são passíveis de serem historicizadas, pois mudam, deslocam-se no decorrer do tempo. Os meios, as formas e os indivíduos também mudam, levando a uma nova concepção de medicina e de assistência.

³⁸ Concordamos com a visão de Maria da Graça Jacintho Setton (2002, p. 63) sobre *habitus*, referindo-se da seguinte forma a esse conceito de Pierre Bourdieu: “Dessa forma, deve ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo estimulam.

³⁹ Já não se trata de maximizar as forças dos indivíduos como corpos isolados, mas sim de intervir no espaço no qual eles se encontram, de olhar esses corpos como parte de um conjunto que tem uma lógica própria, e isolá-los em um espaço de cura.

de controle. E, antes de tudo, sobre o espaço urbano em geral: Porque ele é talvez, o meio mais perigoso para a população (FOUCAULT, 1979, p 201).

A partir do momento que a modernidade arrasta todo um processo de mudanças físicas, surgem novas sensibilidades nos habitantes da cidade. Deslocando seus olhares para tudo o que é “belo”, limpo, organizado, disciplinado, amplo e, portanto, distanciado de outros indivíduos. O hospital traz esse aspecto limpo para a cidade, pois abrigam em seu espaço doenças contagiosas, loucos, mendigos e desvalidos da sorte.

O processo de disciplinarização, que consiste na análise do espaço, de inserção de corpos em um espaço individualizado e classificatório, afastou o médico do paciente na medida em que exerceu um poder, rompendo com uma relação de confiança e cumplicidade que existia, por exemplo, no médico de família. O hospital traz a impessoalidade nas relações bem como novas tecnologias médicas, no intuito de curar a cidade de suas mazelas físicas e sociais.

O modelo assistencial aplicado em Campina carecia de tudo, tanto hospitais particulares como públicos, de novos métodos de clínicos, de profissionais de saúde que fizessem funcionar a maquinaria de cura. A maioria dos hospitais originou-se de iniciativas individuais de médicos como veremos à frente.

A prática médica começa a mudar na cidade, o Sanitarismo⁴⁰ vai abrindo espaço para a medicina curativa, entendida aqui como aquela de cuidados abrangentes e continuados de caráter intervencionista, desenvolvidos em lugar específico como hospital, que é parte de toda uma maquinaria médica, com o propósito de trazer ao corpo doente a cura. Providenciou-se, então uma rede médico-hospitalar, com mecanismos para conter maus hábitos, isolar os doentes em lugar específico, alastrando-se pela cidade, mas carecendo de pessoal capacitado para isso.

É a introdução dos mecanismos disciplinares no espaço confuso do hospital que vai possibilitar sua medicalização. Tudo o que foi dito até agora pode explicar porque o hospital se disciplina. As razões econômicas, o preço atribuído ao indivíduo, o desejo de evitar que as epidemias se propaguem explicam o esquadrinhamento disciplinar a que estão submetidos os

⁴⁰ “O saber que se forma é tributário de vários outros saberes, que situados em campos diversos, num dado momento como que enfeixam um saber multifacetado sobre a cidade, designado, não já como ciência urbana, porém como *Idéia Sanitária*. Quando a encontramos formulada, nos anos 1840, somos surpreendidos pelo duplo caráter de seus postulados: visam a sanear o corpo, mas também a atuar sobre a moralidade do trabalhador (ou do homem pobre)” (BRESCIANI, 2002, p. 23).

hospitais. Mas se esta disciplina torna-se médica se este poder disciplinar é confiado ao médico, isto se deve a uma transformação no saber médico .A formação de uma medicina hospitalar deve-se , por um lado,á disciplinarização do espaço hospitalar,e, por outro ,á transformação, nesta época,do saber e da pratica médicas (FOUCALT , 1979, p.107).

Essa medicina incide sobre os corpos e as mentes, a normalização e medicalização da cidade ocorria tanto nos indivíduos como no corpo da cidade, essa propagação de hospitais pelas ruas de Campina no período de 50 a 60 levou a uma nova sensibilidade. Após um período de uma medicina preventiva incisiva, de médicos de família e de consultórios (a cidade contava apenas com hospital Pedro I da Maçonaria), o crescimento urbano e populacional da cidade obrigou a criação de novos espaços, pois os postos de Puericultura, de Re-hidratação do início da década de 50, e outras formas de atendimento, não supriam as necessidades de cidade moderna que a Rainha da Borborema almejava alcançar.

Com a evolução da medicina, a ‘arte’ de curar passou da aplicação de conhecimentos empíricos apreendidos na observação direta dos doentes. Sem o estudo sistemático das causas das moléstias, para a utilização de métodos científicos, baseados sobre o estudo e etiologia e na anatomia patológica.Essa época de empirismo prolongou-se praticamente até Pasteur. Com o advento da ‘ciência’ de curar, o profissional que anteriormente exercia sua “arte” como um artesão viu-se na contingência de se associar a outros profissionais a fim de dominar o campo da medicina, agora muito aumentado. Apareceram desta forma as especializações e se impôs o trabalho de equipe. O consultório médico foi substituído ou o vem sendo sucessivamente pelo hospital. O hospital moderno é, pois, acepção completa do vocábulo, formado de um conjunto de profissionais capazes de dominar o vasto campo das ciências médicas. Paralelamente ao desenvolvimento da ciência de curar e mesmo dela derivando, surgiu a medicina preventiva,cuja importância vem aumentando continuamente.A higiene,derivada historicamente da medicina,vem se desenvolvendo continuamente a ponto de atualmente ser considerada,socialmente em algumas circunstâncias,mais importante que a ciência que lhe deu origem. ⁴¹

⁴¹ O artigo intitulado “Educação Sanitária num Ambulatório de Obstetrícia”, publicado no ano de 1950, foi escrito pela enfermeira Feiga Langfeld, formada pela Escola de Enfermagem de São Paulo e responsável pela educação sanitária no Ambulatório de Puericultura da Clínica Obstétrica do Hospital das Clínicas (SP). O contexto circunstancial da publicação permeou a regulamentação do ensino da Enfermagem conforme a Lei 775/1949, sendo o primeiro artigo na temática da Enfermagem Obstétrica dentre os dezessete veiculados nos Anais de Enfermagem no período de 1950 a 1954. Segundo observações de Fernando Porto, Doutor em Enfermagem (Revista de Enfermagem Escola Anna Nery, 2008, dez; 12).

Essa mudança de um consultório para um hospital ocorre gradualmente, pois em Campina Grande a rede hospitalar funcionava com muitas limitações, porém o número de profissionais de saúde era insuficiente, impedindo a formação de uma equipe de saúde completa. Como no artigo de Feiga Langfeld, não se imagina um medicina sem prevenção, sem educação dos indivíduos, desenvolve-se a medicina curativista e a de prevenção paralelamente.

O que nos leva a concordar com a visão de Leitão (2005) sobre todo um processo de modernização e busca de cientificismo da medicina Campinense, que na década 1950 ocorre com maior intensidade e dá visibilidade a outros discursos e práticas médicas no espaço do hospital. O hospital passa a ser um lugar da Clínica médica, ou seja, de observação e diagnóstico, um lugar por excelência da assistência. Estamos nos referindo aqui ao termo assistir no sentido acompanhar visualmente o indivíduo, de estar presente, de acompanhar o enfermo para prestar-lhe socorro, de instituir uma conduta perante o paciente. Sendo assim Leitão (2005) aponta alguns fatores que contribuem para a afirmação dessa medicina moderna.

A medicina em Campina Grande, a partir de 1920, começou um processo de modernização e busca da hegemonia científica que só se consolidavam a partir de 1950, quando passou a predominar através de médicos especialistas, hospitais, uma sociedade médica, uma faculdade medicina e medidas higiênicas a medicina moderna nessa cidade (LEITÃO, 2005, p.29).

Por iniciativas do poder público ou individual, os médicos que aqui estavam foram tecendo uma rede hospitalar em Campina. Rede tecida da prática e do discurso médico-higienista, dando visibilidade a outros espaços de cura. Apoiados no discurso de desenvolvimento e modernidade que já perpassava a cidade.

Todos que aqui vieram para Campina Grande, como eu, tinham um desejo imenso de ver a Cidade Rainha da Borborema crescer e se desenvolver. E como sempre acreditei no seu desenvolvimento e no seu progresso, idealizei fazer a Casa de Saúde e Maternidade, Dr. Francisco Brasileiro, cuja a pedra fundamental foi lançada dia 17 de maio de 1938 e inaugurada dia 17 de maio 1946 [...] ⁴² (DINOÁ, 1993, p.279).

⁴² Ronaldo Dinoá transcreve fita gravada, onde Dr. Francisco Brasileiro conta a trajetória da medicina campinense até 1968.

Nas palavras de Dr. Francisco Brasileiro está contido o discurso de modernidade, desenvolvimento, e, de certa forma, justifica a criação da Casa de Saúde e Maternidade que leva o seu nome, sendo a segunda obra hospitalar da cidade e que depois ele mesmo reitera que muitas outras de caráter médico e de natureza particular surgiram.

Diante do nascimento de tantos hospitais, a Sociedade Médica campinense achou por bem fazer um estudo dessa rede médico-hospitalar⁴³. Foram designados dois membros da Academia Brasileira de Administração Hospitalar, Geraldo J. da Rosa e Silva e Ârne de Oliveira Valente, que se deslocaram até Campina Grande para em bases seguras diagnosticar o serviço médico-assistencial da cidade já em 1965. Sobre o estudo fala Silva e Valente, pesquisadores do espaço hospitalar:

Representa este Trabalho, o primeiro a realizar-se em todo o país, um esforço em prol da sistematização, em bases técnicas, dos serviços de assistência médica da maior cidade do interior do Nordeste. Muito embora nos coubesse a sua elaboração é de se ressaltar que o mérito da idéia é devido ao Dr. Humberto de Almeida, ao tempo que presidia a Sociedade Médica de Campina Grande, pois que, ao convidar-nos e facilitar-nos os meios, tornou possível a objetivação do empreendimento. Têm à mão os poderes públicos, sem nenhuma despesa o plano racional para modificação e ampliação da rede hospitalar de Campina Grande. Realizando-o, beneficiarão não somente a população do município, mas a de todo o interior do Estado, quicá a de uma região reconhecidamente a mais pobre e desassistida do país (SILVA; VALENTE, 1965, p.6).

Diante das colocações desses consultores hospitalares, percebemos traços de um discurso que enaltece a cidade “a maior do interior do Nordeste”, o pioneirismo dessa iniciativa na cidade. E ressalta a utilidade desse estudo de graça para os poderes públicos que melhoraram a assistência médica em Campina, com base nos preceitos da Academia Brasileira de Administração Hospitalar. E mais uma vez é relatada a importância da Sociedade Médica, do meio de socialização do conhecimento que ela representa e favorece na cidade.

⁴³A partir de 1775, passam a ser feitas pesquisas sistemáticas em hospitais europeus, pelo inglês John Howard, que também pesquisaria prisões e lazaretos, e pelo francês Tenon, convidado pela Academia de Ciências a estabelecer um novo programa hospitalar para o *Hôtel-Dieu* de Paris, parcialmente destruído por um incêndio (FOUCAULT, 1979, p. 99).

E oportuno salientar a marcante atuação dessa Sociedade Médica no que diz respeito ao melhoramento das condições do meio local, ora promovendo a visita de elementos de destaque da medicina brasileira, para a realização de conferências ou cursos intensivos, ora se fazendo representar em congressos das mais diferentes especialidades no país e no estrangeiro. Essas iniciativas têm trazido os maiores benefícios à agremiação, tornado-a conhecida entre as congêneres dos grandes centros, promovendo o conagraçamento e permitindo o aperfeiçoamento técnico de seus associados (SILVA; VALENTE, 1965, p.10).

Esse alargamento da função da Sociedade Médica preocupava-se não só com aperfeiçoamento científico de seus congregados, mas também com a situação da assistência médica existente, que notadamente era insuficiente e carente de recursos técnicos. Os consultores hospitalares determinam um uso da monografia que eles produziram, bem como as influências que envolveram sua produção.

Os encontros de Congregados da Sociedade Médica em Campina Grande versavam sobre cientificidade na área médica, como a palestra ocorrida em 26 de junho de 1963, presidida pelo Dr. Djalma Barbosa, tendo como palestrante Dr. Carlos Tejo, com o tema “Artrite Reumatóide”, o qual era integrante do corpo médico do Hospital Regional “Alcides Carneiro” (IPASE) e do Hospital do Pronto Socorro desta cidade.

A Sociedade Médica era um grupo que estava ligado à troca de idéias e um aperfeiçoamento de profissionais médicos desta cidade. E que muito contribui para a ativação da Faculdade de Medicina, mais um local de socialização de conhecimentos da área médica. Todo esse processo de instalação e busca de um saber mais sólido estava ligada à crescente rede hospitalar da cidade.

2.2. Os espaços de cura em Campina Grande: a normalização entra na cena urbana

Campina Grande foi elevada à cidade no ano de 1864 e só no ano de 1931 fundou-se o primeiro Hospital na cidade, o Pedro I, pela Loja Maçônica Regeneração Campinense, dando início aos cuidados hospitalares na cidade. Sobre a fundação, fala o Dr. João Tavares: “Infelizmente, lamentavelmente, a nossa finalidade de então, que era um hospital para indigentes,

para os desvalidos da sorte, administrações posteriores transformaram o hospital em uma casa de negócio” (DINOÁ,1993 p. 245)⁴⁴.

Na fala de Dr. João Tavares, observamos uma preocupação com os “desvalidos da sorte”, sendo uma preocupação da elite e dos médicos colocarem esses indivíduos que estão fora de um padrão estético e higiênico em lugar específico. O que vai ocorrer mais intensamente no decênio de 50 a 60, quando muitos intelectuais estão envolvidos com campanhas de cunho filantrópico e assistencialista, predominando uma medicina capitalizada, mas para um público que desejaria tratar-se com os melhores profissionais médicos, e não só atender desvalidos.

Em 1963 foi fundada a “Casa da Amizade de Campina Grande”, com o apoio do Conselho diretor do *Rotary Club*⁴⁵ nas pessoas do jornalista Stênio Lopes⁴⁶, Amadeu Costa e Silva e Rubens Sobreira. No mesmo momento em que ocorrem cursos para especialização de médicos e o desenvolvimento de uma rede hospitalar considerável, esse espaço de ajuda mútua floresce com a ajuda de rotarianos.

Dr. Francisco Brasileiro também era ligado ao Rotary e o Dr. João Tavares à Maçonaria. O que não denota no corpus humano de tais estabelecimentos hospitalares a presença relevante da Igreja ou casa de misericórdias como em outras cidades. O hospital campinense já nasce moderno, por iniciativas individuais e lugar por excelência do saber. Pois uma Faculdade de Medicina fora gestada nessa mesma época, produzindo os médicos na cidade que antes consumia mão de obra especializada de Recife, Bahia⁴⁷ e Rio de Janeiro, e

⁴⁴ Na visão daqueles homens, o progresso do conhecimento devia acarretar o progresso social, e para o alcance de tais propósitos os médicos engajados na luta higienista p. 17 A construção dos espaços de cura no Brasil: entre a caridade e a medicalização. Gisele Sanglard, Cadernos UFSC.

⁴⁵ Desde meados do século XIX e início do século XX, surgiram várias entidades de caráter humanitário como o *Rotary* e *Lions*, nessa nova modalidade de clube, os membros se reúnem semanalmente com o objetivo de reunir esforços e recursos financeiros, para ajudar pessoas carentes e comunidades necessitadas. Essas entidades atuavam em Campina, o *Lions Club* cujo o presidente era o industrial Geraldo Ribeiro Dias, que construiu um Grupo Escolar na futura avenida canal, além da praça Lauritzem.

⁴⁶ Nas memórias do professor Stênio Lopes encontramos uma passagem interessante onde o autor ao contar sua despedida da Secretaria de Educação e Cultura, logo após a derrubada de Newton Rique e a disputas entre João Jerônimo e Williams Arruda, o autor assim rememora “Voltando às atividades anteriores em que sempre me empenhei, desde que para aqui vim viver, há mais de sete anos, não tenho do que me queixar nem a quem recriminar. Foram dez meses maravilhosos em que tive oportunidade de praticar parte do que aprendi em minha vida e o que sempre pensei pudesse orientar a atividade pública de um rotariano. Pode parecer estranho que invoque nesta hora a lembrança de Rotary. Mas os ideais rotarianos ensinam as pessoas a ‘darem de si sem antes pensarem em si’ e sugerem que devemos servir desinteressadamente, como obrigação e como lucro espiritual dos esforços empreendidos. Rotary ensina mais que a tolerância, a compreensão e o companheirismo são condições ótimas para se conseguir bom resultado em qualquer atividade. E na Secretaria de Educação e Cultura do Município”. (LOPES, p.36.1964) procurarei sempre ser compreensivo, tolerante e companheiro.

⁴⁷ No início dos anos 40, havia em todo o Nordeste apenas as universidades da Bahia e de Pernambuco, estando em organização a do Ceará. A partir dos anos 50, criaram-se ou estão em processo de criação as universidades da Paraíba, de Alagoas, do Maranhão, de Sergipe e do Rio Grande do Norte, além de duas novas no Pernambuco

muitas vezes de cidades do interior da Paraíba. A rede hospitalar traz uma nova concepção para o indivíduo e uma nova geografia para a cidade.

Mas seu suporte não é a percepção do doente em sua singularidade, é uma consciência coletiva de todas as informações que se cruzam, crescendo em ramagem complexa e sempre abundante, ampliada finalmente até as dimensões de uma história, de uma geografia, de um Estado (FOUCAULT, 2004, p.31).

Foi com base nessa afirmação de Foucault que procuramos estabelecer ligações entre essa nova forma de atender a comunidade campinense e o crescimento dessa rede hospitalar em Campina Grande, que representa o ápice do saber médico, científico e moderno na cidade. Como se o poder médico envolvesse e enredasse esse corpo urbano, dominando-o por meio da disciplina que o hospital levava a vários corpos. Essa vontade de verdade dos médicos campinenses emerge fortemente nos anos 50 a 60, desloca o olhar médico em relação ao pobre, que passa a ser doente, havendo de ser curado em um hospital.

As iniciativas individuais foram significativas, bem como a ação do poder público. Vejamos os espaços de cura inaugurados na época analisada: Instituto de Neuro Psiquiatria e Reabilitação Funcional, inaugurada em 1961, obra de Dr. João Ribeiro, Hospital Antonio Targino de Doenças Ósseas, construído pelo Dr. José Targino, inaugurado em 1965, Clínica Dr. Raimundo Maia, inaugurada em 1966, Pronto Socorro Infantil Dr^a. Madalena Crispim, inaugurada em 1967, Clínica Dr. João Caetano, em 1965⁴⁸. A maternidade Municipal Elpídio de Almeida, construída por ele próprio, quando do seu mandato de prefeito em 1951; o mesmo ainda conseguiu terreno para a Liga Campinense Contra a Tuberculose no bairro do José Pinheiro em 1952, e em 1968 o Hospital Escola Assistencial da Paraíba –FAP foi inaugurado com ajuda de vários países como Holanda e Suíça. Esses foram pioneiros na crescente rede hospitalar campinense.

Nota-se a passagem de um hospital terapêutico para um hospital tecnológico, como bem coloca (PEVSNER, 1976, p. 186; MIGNOT, 1983 apud TOLEDO, 2006). Os grandes hospitais com milhares de leitos, nos quais portadores de doenças contagiosas, mulheres grávidas e feridos ocupavam enfermarias contíguas, sendo condenados a serem atendidos todos juntos, independentemente das doenças distintas que apresentavam, o que suscitou

⁴⁸ Entrevista concedida a Ronaldo Dinoá(1993).O interessante é que no meio do discurso Dr. Francisco Brasileiro aponta para a criação da Clínica do Dr. Ulisses Pinto e do Dr. Milton Medeiros, ou seja outras viram ,não para aqui a teia que envolve e delimita a cidade.

novas propostas, entre as quais a separação dos pacientes segundo suas patologias e a construção de hospitais com menor número de leitos, ou ainda dedicados ao tratamento de um único tipo de enfermidade. O hospital especializado é, portanto, uma resposta do século XIX às questões levantadas no século anterior. Em Londres, por exemplo, a partir de 1800, são criados hospitais especializados em Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Doenças do Tórax, Câncer e Ortopedia.

Uma inovação da arquitetura hospitalar são as características físicas das unidades hospitalares, estudando de forma sistemática o espaçamento das camas, as condições de insolação e ventilação das alas, as instalações de calefação, a circulação do ar, custos por paciente e coeficientes de mortalidade, comparando-se os resultados obtidos com parâmetros internacionais. Passou-se a apoiar o modelo do pavilhonar, sobretudo por Florence Nightingal, no século XIX na Inglaterra, cujas idéias revolucionárias sobre as técnicas de enfermagem ajudaram a diminuir significativamente as taxas de mortalidade nos hospitais. Um bom exemplo desse modelo é o Hospital *Laribosière* de Paris, projetado por Gauthier em 1839 com capacidade para 905 leitos dispostos em pavilhões com 32 leitos, um marco na Europa no século XIX.

Quanto à localização na Rainha da Borborema, estavam todas no perímetro urbano, identificando, segundo os consultores hospitalares, um *núcleo hospitalar* no bairro do São José, próximo ao centro da cidade. Concentrando o Hospital Alcides Carneiro, Hospital Pedro I, o SAMDU e o Hospital de Pronto Socorro⁴⁹, essa zona é considerada um bairro onde moram pessoas de classe média. A maternidade Elpídio de Almeida e a Casa da Saúde Dr. Francisco Brasileiro também eram consideradas como de pessoas abastadas, apenas o Instituto de Neuropsiquiatria e Reabilitação, no bairro da Liberdade, localizava-se na zona pobre da cidade. A casa dos loucos estava associada à pobreza e à exclusão da área nobre de gente abastada na cidade.

Situação semelhante era a dos Postos de Saúde Pública, visto que existia um no centro da cidade e outro no bairro do Prado. O Dispensário de Tuberculose ocupa um espaço próprio no bairro do Monte Castelo. Existia no bairro do Monte Santo o posto de Puericultura Epitácio Pessoa⁵⁰, que abrigava em suas dependências nove postos de distribuição de leite, o

⁴⁹ O SAMDU localizava-se numa ala do Hospital Pronto Socorro, construído em 1955 pelo então prefeito Plínio Lemos.

⁵⁰ O posto encontrava-se na década de 60 desaparelhado para a sua finalidade, limitando-se à distribuição de leite em pó fornecido pelo FIS (Fundo Internacional de Socorro à Infância), seu prédio pertencia a Associação de Proteção e Assistência à Infância.

que na visão dos consultores hospitalares não dispunham de condições sanitárias satisfatórias, embora se espalhassem pelos bairros do Quarenta, Prado, Santa Rosa, Bela Vista, Alto Branco, Cruzeiro, José Pinheiro, Geremias, São José da Mata.

Essa distribuição das unidades assistenciais não obedeceu a um plano tecnicamente orientado, para um adequado atendimento à população. As pessoas que moravam na zona rural e diversas vilas do município não dispunham de nenhum atendimento médico-ambulatorial, deslocando-se para a cidade em busca de atendimento, ou seja, uma boa parte da população estava entregue ao completo abandono médico.

Segundo dados demográficos de 1960, a cidade contava com 126.274 habitantes nas aglomerações urbanas do município, sendo que destes, 116. 226 residiam na própria cidade de Campina Grande, o restante localizava-se nas zonas urbanas das seis vilas do município, enquanto que 91. 219 residiam na zona rural. Isto significa que 58,06% do total da população do município em 1960 residiam na zona urbana, enquanto que 41,94% se acham na zona rural. Acrescenta-se, ainda, uma população flutuante na cidade que, advinda de outros centros produtores, através do comércio e indústrias ou simplesmente à procura de melhores oportunidades, aumentavam a sua população.

Diante do “abandono” médico de quase metade da população do município, o número de camas hospitalares na cidade também não era suficiente para a população. Em novembro de 1964, contava com 547, dos quais quatrocentos e trinta e seis leitos eram utilizados. Para um atendimento dentro dos padrões da época deveria ser no mínimo 864 leitos, mas Campina contava com quase metade do almejado. A situação era ainda mais agravante, posto que dos 436, apenas 147 leitos eram especializados, ou seja, destinados a casos de prontos socorros, maternidade e neuropsiquiatria, situação no mínimo alarmante, diante do déficit de leitos em proporção ao número de habitantes.

Um caso em especial era do Hospital Alcides Carneiro⁵¹, que dispunha de 151 destinados a um grupo social específico, uma parcela mínima da população, servidores civis da união e seus beneficiários. Essa parcela privilegiada da sociedade campinense dispunha de um corpo clínico próprio, dentro de uma organização hospitalar fechada.

Sendo assim o que resta de leitos para o atendimento geral da população são cento e treze leitos, um oitavo do número de leitos necessários para o atendimento a população geral do município

⁵¹ O Hospital destacava-ser pelo melhor padrão técnico- hospitalar da cidade, tendo metade do quadro médico da cidade, 51médicos no total.

Também se encontravam no município entidades para-hospitalares que eram ambulatórios e asilos, e alguns institutos de Previdência que as mantinham, como IAPI, IAPETC, I APB, IAPFESP e o SESI (Serviço Social da Indústria)⁵², a única entidade particular, sendo que as demais eram autarquias federais que deixavam muito a desejar no atendimento de seus beneficiários .

Quanto a asilos, a cidade dispunha de um, o São Vicente de Paula, entidade particular mantida por irmãs de caridade para acolher pessoas idosas sem recursos, com 50 leitos, sendo que 27 são ocupadas por pessoas de sexo masculino e 23 do sexo feminino, exercendo uma atuação ínfima no contexto social da época. As entidades de Saúde Pública eram os postos de saúde e puericultura, bem como o Dispensário de Tuberculose.

O dispensário de Tuberculose contava com uma pequena ajuda do poder municipal, os recursos para a sua manutenção advinham da Companhia Nacional Contra a Tuberculose, que anualmente lhe fornecia material especializado e de rotina, medicamentos e assistência técnica. Obedecia a modernas normas de ação preconizadas pelo Serviço Nacional de Tuberculose, na sua ação de trabalho, entre comunicantes e pacientes, e exames especializados. O pessoal que trabalhava no Dispensário era servidor público estadual, num total de 16 funcionários, entre médicos, supervisor, auxiliar de raio X, auxiliar de laboratório, auxiliar de escritório e encarregado da Farmácia.

O que mais preocupou aos analistas hospitalares foram as edificações precárias desses hospitais, e mais uma vez a falta de planejamento para a sua estruturação, além das reformas momentâneas que sofriam, que não estavam de acordo com a “modernas técnicas de organização e administração hospitalar”. Indicando técnicos especializados (Arquitetos e médicos-consultores hospitalares) para traçar e planejar o melhor e mais amplo atendimento médico-assistencial à população do município. Uma vez que os espaços dentro do hospital estavam mal planejados, o que dificultava a circulação de pessoal e o atendimento dos pacientes.

As lacunas de pessoal eram muitas, desde a escolha de diretores para hospitais e demais entidades até a escolha de serventes. Predominava o sistema de pistolão, inexistindo um recrutamento ou uma adequada contratação de pessoal. Havia ainda uma remuneração

⁵² O SESI mantinha em Campina Grande dois postos destinados a atender os operários da indústria. Em um dos dois postos oferecidos pelo SESI, no qual trabalhavam três médicos do quadro, doze médicos credenciados, um dentista do quadro, três dentistas por convênio, um assistente social, um auxiliar social, uma Enfermeira prática e três atendentes, funcionava um ambulatório de Ginecologia, equipado com colposcópio, termo-regulação, ondas curtas, infra-vermelho e microscópio, um ambulatório de Pediatria e um serviço de rádio-diagnóstico, contando com um aparelho de 120 mA e Abreugrafia (SILVA; VALENTE, 1965, p.10).

inadequada, número inadequado de profissionais para o total de leitos e uma carência acentuada de pessoal especializado.

Para suprir uma das mais latentes necessidades da cidade, que era de médicos, Enfermeiras e Auxiliares de Enfermagem para fazer uma ligação entre o número de leitos e o número de habitantes com pessoal especializado, fazia-se necessária a criação da Faculdade de Medicina e a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, o que, certamente, faria retroceder um dos aspectos mais negativos de todos, no que concerne à assistência médica hospitalar em Campina Grande.

Dessa forma, movimentos para a criação da Faculdade de Medicina ganharam força, pela carência de mão de obra nos hospitais da época e pela prática e ação de intelectuais e médicos que fizeram seu projeto sair do papel no início da década de 60. Criou-se também uma escola pública de Enfermagem, com o envolvimento de profissionais do Alcides Carneiro, políticos e intelectuais como Lopes de Andrade.

2.3. Os Atores Urbanos em construção: Os Médicos e a Faculdade de Medicina de Campina Grande

A pedra fundamental da Faculdade de Medicina de Campina Grande data do ano de 1966⁵³, sendo construída posteriormente. Os proclamas da Faculdade de medicina foram debatidos e aprovados em Assembleia Geral ordinária, criando-se para tanto uma sociedade mantenedora da faculdade de Medicina; lugar de propagação de um saber para uma cidade moderna e agora educada para a medicina.

A Faculdade de Medicina nasce no momento de um desenvolvimento de uma nova concepção de assistência na cidade, e de um novo discurso e práticas médicas. Há todo um deslocamento do olhar do médico em Campina, passando de consultório para o hospital, de práticas preventivas para curativas, ou seja, todo um questionamento da terapêutica utilizada.

⁵³A existência de um saber de base científica e tecnológica é apanágio do mundo moderno e encontra-se estreitamente vinculada a um sistema de forças em cujas principais pontas, de um lado, estão a UNIVERSIDADE e do outro, estão as atividades produtivas do homem. (SOUZA do Ô, 1986, p.28) Discurso pronunciado pelo prefeito Williams Arruda, na instalação da fundação Universidade Regional do Nordeste, em 30 de Abril de 1966. Os discursos proferidos pelos homens da política local valorizavam e justificavam a existência e a consolidação do saber produzido em faculdades e escolas como meios modernos de desenvolvimento. No triênio de 1963/1965, o autor coloca que houve um crescimento no nordeste acima do ocorrido no Brasil, ultrapassando o Sul desenvolvido, segundo estatísticas da SUDENE. Isto decorreu-se por conta dos amplos investimentos que a região recebia como a Companhia Hidrelétrica do São Francisco e do Banco do Nordeste.

Adoecia-se em Campina Grande e procurava-se o hospital, não mais se chamava o médico da Família no aconchego do lar; até porque o número de habitantes crescia na cidade, e havia a necessidade de se fabricar médicos em seu espaço, não mais importar de Recife, Bahia ou Rio de Janeiro. Até então, a medicina não constituía uma prática hospitalar.

A Faculdade de Medicina⁵⁴ nasce de um novo olhar médico, as práticas mudam e os atores se reconstróem no embalo da modernidade e ritmo cultural que acompanha a cidade na década de 60, tomada pela onda de educação, civilidade e higienização.

Um dos atores que ajudaram a fundar a Faculdade de Medicina foi o Dr. Francisco Brasileiro, homem de notável participação na nova medicina que se configurava na cidade, sócio-fundador da Sociedade Médica em 1941, bem como da Sociedade Médica Paraibana em 1961, que acompanhava todos os médicos do Estado. O mesmo fundou em Campina Grande a Regional do colégio Internacional dos Cirurgiões, sendo o seu primeiro presidente e regente no ano de 1957. Diante dos fatos mencionados percebemos que os médicos campinenses já arquitetavam uma consolidação de seu saber na cidade. E a consolidação desse saber encheu de orgulho os contemporâneos do Dr. Francisco Brasileiro, como mais vez opina o Dr. João Tavares:

Bom, a Faculdade de Medicina de Campina Grande nasceu do esforço partícula de um grupo de heróis, permitam os colegas que os chame de heróis, porque o trabalho por eles desenvolvido em prol da faculdade de Medicina em Campina Grande, durante vários anos, com 10 ou mais anos, tem sido uma coisa de que só quem está aqui pra ver (DINOÁ, 1993, p.246)⁵⁵.

A partir da afirmativa do Dr. João Tavares refletem-se a visibilidade e dizibilidade que a Faculdade de Medicina conquistava nos discursos que construía Campina, enquanto cidade moderna, e como essa conquista deu visibilidade ao saber médico, heroicizando seus atores fundadores, como, por exemplo, o mencionado acima, um homem engajado

⁵⁴ Sobre o ensino superior na Paraíba, ver *História, cultura e ensino superior na Paraíba: implantação, estadualização e Federalização*, de Francisco Chaves Bezerra, na Saeculum, Revista de história, nº 15, julho/dezembro 2006. Disponível em http://www.cehla.ufpb.br/saeculum/saeculum15_dos03_bezerra.pdf

⁵⁵ Aos poucos os hospitais vão se tornando o espaço de demonstração técnica da medicina. Conquanto os cuidados com velhos e crianças abandonadas ainda lhes rendessem preocupação, não impediam o curso do processo de medicalização. (idem)p. 18.

intelectualmente, fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande e que acreditava que a cidade vai para frente “na marra”, pela força de seu povo e dos que vieram emprestar a sua atividade a esta terra. E como outros médicos desfrutavam das mesmas concepções sobre a Faculdade, elogiavam sua organização, a qualidade e funcionamento e os professores que lecionavam.

Observa-se um crescimento significativo na cidade de médicos, instituições e agremiações médicas em menos de um cinquentenário do século XX. A cidade passa de práticas preventivas, de uma medicina de caráter mais doméstico para uma prática curativa, centrada no indivíduo, de caráter mais público e disciplinador. Era preciso agir sobre o corpo e curá-lo eficazmente, de modo que se faziam necessários atores que pusessem para funcionar as engrenagens desse equipamento moderno que é o hospital. Era preciso educar pessoas para atuarem nesse espaço, e pessoas educadas para tal, especializadas, já que os médicos existentes na cidade faziam um pouco de tudo, clínicos e cirurgiões se confundiam com obstetras e pediatras. Estavam inseridos na ideia de formação de um médico do interior, mas a cidade exigia essa especialização e crescimento do número de médicos.

As condições para o funcionamento da Faculdade foram engendradas pelos seus atores médicos, um número considerável de médicos estava envolvido na política, revelando o poder e prestígio de que desfrutavam esses personagens urbanos, através de seu lugar social e afirmado na representação de seu saber. Mas esse saber foi construído através do consumo e apropriação de saberes fora da cidade, como se observa nos jornais.

Dr. Milton Medeiros ouvidos -nariz- e garganta consultório: Praça da Bandeira, 50-3º Andar, Salas 307/8-Fone1966. Dr.Milton Medeiros avisa aos seus clientes e amigos que após viagem de estudos reassume sua clínica a partir desta data (DIÁRIO DA BORBOREMA, 01/07/1960).

Com essas viagens para estudo e aperfeiçoamento, o profissional médico tornava-se habilitado e preparado para exercer seu ofício, sejam em clínicas ou consultórios, mas havia a necessidade de uma formação mais consistente que se aproximasse do nível dos cursos do Recife, Bahia e Rio de Janeiro.

Dr. Raiff Ramalho- Clinica de Crianças –Formado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Recife Com curso de especialização no hospital do IPASE no Rio de Janeiro Cons:Rua Venâncio Neiva,254-1º andar Das 15 às 18 horas Campina Grande –Paraíba (O MOMENTO ,29 out.1950, p.7).

Vários foram os cursos e congressos realizados em Campina Grande no auditório do Alcides Carneiro e na Sociedade Médica Campinense, e os jornais davam ênfase a tais acontecimentos: “Congresso de Ginecologia e Obstetrícia. Realizar-se-á, nos dias 5,6 e 7 do corrente, nesta cidade, o primeiro Congresso Nordestino de Ginecologia e Obstetrícia” (JORNAL DE CAMPINA 2/9/1953, p.4).

Revelando mais uma vez o pioneirismo da cidade, principalmente no seu aspecto mais civilizador, que é a educação, um encontro para reunir médicos e discutir científicas acerca do que havia de mais moderno sobre o tema. Apesar de na década de 60 a cidade contar com 94 profissionais médicos, tudo leva a crer que eles estavam dispostos a aperfeiçoar sua ciência e socializar seu conhecimento, como demonstra essa cena narrada por Filho (2005, 2005, p. 253):

Instalado o curso de otorrinolaringologia da Sociedade Médica, a cargo do professor Ermírio Lima, catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, chefe de otorrinolaringologia do Hospital de servidores do Estado e uma das figuras mais expressivas da medicina nacional. Com a presença de grande número de profissionais, sendo a sessão presidida pelo dr. Isaiás Silva, secretário de Saúde do Estado, ladeado pelos drs. Ermírio Lima, Raul Dantas, presidente da Sociedade Médica de Campina Grande, Umberto Suassuna, Bonald Filho e José Santos.

O número insuficiente de médicos na cidade levou a um acúmulo de vínculos funcionais para os que aqui trabalhavam, acentuando o seu lugar de médico moderno, cobrando pelo seu serviço uma medicina capitalizada. Esse aperfeiçoamento científico elevava o profissional, capacitando-o ao melhor atendimento de seus clientes, fazendo funcionar melhor os hospitais da época.

Mas, para um adequado funcionamento de um hospital, necessitava-se de um corpo de Enfermagem eficiente. Dessa forma, Enfermeiras diplomadas do Alcides Carneiro foram em busca de modelos para uma escola de auxiliares de Enfermagem em 1962, mesmo período em que os médicos fomentam sua Faculdade, para suprir essa lacuna no seu campo de atuação. No próximo capítulo analisaremos as condições de sua criação e os atores que dela participaram.

CAPÍTULO 3: A criação da Escola de Enfermagem: atores em cena produzindo um novo saber

O ano de 1964 marca 1º centenário de Campina, e para festejar tão importante data anos antes se preparou uma comissão para recepcionar o centenário⁵⁶. E para saudar a cidade moderna e progressista em que ela tinha se transformado, várias festividades foram programadas pelo então governador Pedro Gondim.

Dr. Pedro Moreno Gondim, nosso ilustre governador do Estado visão Plástica, homem cujo senso impulsionador, sempre presente nas grandes batalhas. Visando o bem-estar da comunidade campinense criou e está ampliando o distrito Industrial, criou o (CONCENT), Fórum, Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, ambulatórios, quadras de vôlei, basquete, futebol. Ampliou a rede de abastecimento de água até o bairro de Santa Rosa, até o convento Redentorista em Bodocongo. Melhoramentos na sede do GRESSE. Doou um moderno elevador hospitalar ao Hospital Pedro I, COMCENT fez doação de 50 milhões de cruzeiro á Faculdade de Medicina de Campina Grande”Diário da Borborema ,Campina Grande 11/10/1964⁵⁷

A criação do CONCENT (Comissão do Centenário) data de dezoito de abril de 1963, pelo decreto nº 3. 218, que instituiu a comissão Executiva do Centenário de Campina Grande, estabelecendo prioridades e medidas administrativas visando à realização do 1º Centenário de Campina⁵⁸. A comissão era composta por Vital do Rego (presidente e genro do governador), o senhor Severino Cabral, Dr. Noaldo Dantas, Professor Lopes de Andrade, o diretor da Recebedoria Senival Ferreira e o economista Edvaldo do Ó.

⁵⁶ Sobre o centenário, ver Antonio Clarindo Barboza de Souza em sua tese de doutoramento *Lazeres Permitidos Prazeres Proibidos Sociedade Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1960)*.

⁵⁷ Esse número do jornal foi especialmente criado em homenagem ao centenário, o trecho aqui reproduzido está no caderno Homens e Fatos Meditação do dia do Centenária, escrito por Lopes de Andrade no tópico dedicado às Personalidades do Centenário, onde vários outros homens realizadores da modernidade campinense figuram como Edvaldo do Ó. Observa-se a importância da higienização por meio da prática de esportes, e modernização dos lugares destinados à saúde como ambulatórios, hospitais e água saneada.

⁵⁸ SOUZAA (2002) aponta que a comissão foi formada em 1961, mas que, por motivos financeiros, não pôde ir às vias de fato, já que o então prefeito esqueceu de colocar no orçamento de 1962 sua participação, ficando oficialmente protocolada em 1963.

O Campinense vem se mostrando satisfeitos como o andamento das obras da Comissão do Centenário, notadamente aquelas destinadas ao embelezamento do Açude Velho. Também se destaca, entre outras obras, o edifício do Fórum de Campina Grande, cuja construção se mostra adiantada (IDEM, 2005, p.258).

A afirmação data de 11/12/1963 e, nas palavras de Lino Gomes da Silva Filho, demonstra a satisfação que os moradores de Campina sentem com as modernizações da Comissão do Centenário. Muitos dos componentes da comissão são reconhecidos nos jornais da época como homens que industrializaram Campina e que a ajudaram a progredir econômica e culturalmente.

Dessa forma, através do jornal conseguimos avistar todo um discurso desenvolvimentista que a imprensa escrita difundia, elegendo os fomentadores dessa modernização. No mesmo número do jornal divulga-se e reafirma-se o programa de industrialização de Campina Grande, pelo qual tanto lutou Newton Rique⁵⁹ e ao qual o governo Gondim presta apoio. Uma dimensão do movimento destas ideias foi a tematização do Estado como o grande responsável pelo desenvolvimento, ou seja, a sua identificação com a figura de um sujeito responsável pelas transformações que a sociedade precisava sofrer. Agra do Ó e Araújo concordam com essa visão do Estado na política de fins de 50 para início de 60, na Paraíba e em Campina Grande

Essa visão também é teorizada por Cabral Filho ao refletir sobre Argemiro de Figueiredo e a inauguração da adutora de Vaca Brava. O autor analisa as condições em que a água pura e tratada é recepcionada na cidade e coloca o senhor Argemiro⁶⁰ como o único capaz de realizar tal proeza. Outra coisa que nos chamou atenção na tese de Severino Cabral Filho (2006) foram suas palavras ao descrever a festa de inauguração da adutora.

Foi um espetáculo metodicamente preparado. Para tanto havia sido constituída uma comissão especial-encabeçada pelo prefeito municipal e reforçada pelas mais eminentes figuras da alta sociedade campinense, dos seus setores civil e militar –para organizar o grande espetáculo de agradecimento ao interventor pela consumação de sua grande obra, marco fundamental de sua administração (ibidem, 2007, p.150).

⁵⁹ Foi deposto três meses antes das festividades do centenário.

⁶⁰ Stênio Lopes afirma que o senhor Argemiro, como campinense, reservou o que era de melhor para a cidade: a adutora de Vaca Brava.

Apropriamo-nos de tal discurso para descrever a preparação da festa do centenário, tudo metodicamente preparado, planejado e presenteado a Campina. Cabia ao Estado reordenar saberes pautados em um discurso de modernidade econômica e de industrialização como mostram os jornais. A cidade que ganhava visibilidade e dizibilidade nos jornais era desenvolvida e moderna, com um futuro grandioso, tendo no seu primeiro centenário uma grande satisfação em mostrar aos seus habitantes as benfeitorias proporcionadas pela elite política da cidade.

As festas pré-centenárias contaram com um desfile monumental em torno do Açude Velho, onde participaram mais de cinco mil estudantes e militares, o governador Pedro Gondim e o então prefeito Severino Cabral em palanque, e mais autoridades eclesiásticas e personalidades da sociedade campinense. Instituições de ensino daqui e de João Pessoa desfilavam com elegância e ordem, exaltando em seu desfile sugestões do passado glorioso de Campina, bem como os tempos áureos de sua economia e a modernidade e esplendor de sua situação atual.

No ano seguinte, a festa do centenário ofuscou o desfile cívico-militar. Um desfile esplendoroso, com festas nos clubes da cidade, música, dança, cachaça pelas ruas. Um desfile comandado pelos militares, ordenado e planejado; a presença de várias escolas da cidade no desfile, tais como Damas, Estadual da Prata, Alfredo Dantas, 11 de Outubro. Também participaram várias escolas de Cajazeiras, Areia, São José do Egito, Itabaiana, Caruaru além do Liceu Paraibano de João Pessoa.

Antes de descrever como ocorreu o desfile temos que considerar o que significou aquela festa para a comunidade campinense. Na hora do desfile autoridades e o “povo em geral” ficaram separados pelo palanque e pelas cordas que cercavam a área reservada ao cortejo. Este é mais um aspecto dos rituais da ordem, eles marcam taxativamente quem é ator e quem é espectador, não havendo a menor chance de troca de lugar, a não ser pela quebra do protocolo. A própria palavra protocolo indica este código rígido que todos devem seguir para que a cerimônia possa dar certo. Outro aspecto importante do desfile cívico comemorativo ao Centenário da cidade foi a “associação entre cerimonial e poder.” O ritual da passagem das várias corporações e instituições revestia a cidade de um “poder” que seus intelectuais e políticos pretendiam ser de todos. Os desfilantes apresentaram fragmentos da cidade em todo o seu esplendor, nunca de suas misérias. E, como sempre ocorre nas “festas da ordem”, o cortejo se desenrolou em um espaço considerado sagrado ou nobre, a Avenida Floriano Peixoto, onde estavam reunidos todos os marcos do poder da cidade. Desde o poder divino (a Catedral), passando pelo poder temporal humano (a Prefeitura e a Câmara Municipal) chegando ao poder cultural (o Teatro Municipal Severino Cabral). Tudo o que as elites precisavam apresentar como símbolos do seu

poder estava concentrado ali naquele momento e lugar (SILVA, 2002, p.208-209).

A cidade ofereceu almoço no clube dos caçadores para os prefeitos visitantes, as crianças brincaram em um importante parque de diversão vindo do Recife, trazido por Déa Cruz. A festa atraiu quase 10 mil visitantes vindos do Recife, Caruaru, Natal, Patos, Cajazeiras e de outros municípios, prestigiando a comemoração dos campinenses nas barracas espalhadas na avenida. A cidade movimentava-se desde muito com tal evento, até um programa na Rádio Borborema intitulado “Cidade Centenária” foi criado. A cidade programava-se para a festa e respirava esse ar de novidade e comemoração no seu cotidiano, bem como experimentava mudanças na paisagem urbana por conta dos seus 100 anos.⁶¹

As obras que levavam o nome do centenário espalharam-se pela cidade, como o Parque do Centenário (nas margens do Açude Velho) onde se inaugurou o Clube Universitário de Campina Grande, reunindo professores e alunos de todas as Escolas Superiores da cidade. O número de letrados na cidade era de uma soma significativa, exigindo um lugar adequado de socialização. O mundo intelectual da cidade crescia⁶², e para isso, em comemoração ao centenário, foi lançado o livro do Dr. Elpídio de Almeida, “História de Campina Grande”, na Livraria Pedrosa. Médico e historiador que ficou responsável pela comissão cultural do centenário, ou seja, encontro de repentistas, palestras e mostras de teatro.

Em meio às festividades do ano de 1964, a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem foi inaugurada, com as contribuições de homens ilustres, letrados que formavam a comissão e outros com as enfermeiras que almejavam suprir as necessidades da rede hospitalar, e que tiveram, no auge das comemorações do centenário de modernidade e desenvolvimento da cidade, seus sonhos materializados e entregues à população campinense.

3.1. Enfermagem no Brasil e na Paraíba

O governo de Juscelino Kubitschek, na década de 50, implantou no país uma política desenvolvimentista com a qual visava à industrialização, o que favoreceu a expansão do

⁶¹ Diante da visão dos Autores sobre o espetáculo proporcionado pelos atores políticos diante de conquistas modernas e da espetacularização em comemoração à modernidade da urbe.

⁶² O número de analfabetos diminuía e para ajudar nesse percurso foram criadas as “Escolas Centenárias” que funcionavam à noite para a educação de jovens e adultos, em sua maioria operária e doméstica.

ensino no Estado da Paraíba. Possibilitou às camadas menos favorecidas da população o acesso à educação, tornando cidadãos educados para fazer a cidade progredir. Faremos uma breve historicização das leis que regulamentaram o ensino de enfermagem no Brasil, o espaço que conquistou no decorrer do tempo, para assim justificar a instalação da Escola Regional de Auxiliares de Enfermagem em Campina Grande e as influências que sofreu.

O ensino de Enfermagem no Brasil foi regularizado nos tempos da República (1890) pelo Chefe do Governo Provisório Marechal Deodoro da Fonseca, que criou, pelo decreto 791, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, ficando instituído oficialmente o Ensino de Enfermagem no país. Criada para suprir a necessidade de mão-de-obra agravada com a saída das religiosas do hospital dos alienados e resolver problemas de profissionalização do trabalho feminino, a Escola contou com a influência de Enfermeiras Francesas que, na época, serviam como modelo das organizações hospitalares, dando sua contribuição ao Hospital dos Alienados, no Rio de Janeiro. A escola foi reorganizada em 1939 por Maria Pânjelo, transformando-se na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. E tinha por objetivo:

Com o seu concurso, tornam-se as crianças aptas a receberem a educação que irá transformá-las em cidadãos úteis e capazes. É seu dever despertar o interesse dos Paes para as questões de saúde, fazendo-lhes sentir seu valor e a necessidade de conservá-la, mesmo a custo de grandes sacrifícios.⁶³

A primeira referência encontrada em nossas pesquisas sobre enfermagem no Brasil foi o trabalho apresentado no III Congresso do Conselho Internacional de Enfermagem, em Buffalo, Estado de Nova York, em setembro de 1890. Um relatório da enfermeira inglesa Miss Jane A. Jackson, do Hospital dos Estrangeiros, no Rio de Janeiro. Tanto Clara Curtis (1949)⁶⁴ como Nóbrega (1979), afirmam que a inglesa teria participado porque não existiam enfermeiras diplomadas no Brasil no dado período, justificando o interesse do governo em abrir escolas de enfermagem. Coube então à Cruz Vermelha Brasileira, em 1914, em São Paulo, e dois anos

⁶³ O presente artigo “A ENFERMEIRA ESCOLAR E O SEU OBJETIVO”, escrito pela enfermeira Edith Fraenkel em 1936 e publicado nos *Anaes de Enfermagem*, apresenta as principais atividades da enfermeira escolar, define suas funções e apresenta um programa para o curso de especialização em Enfermagem Escolar com os requisitos necessários para o exercício desta atividade. *Esc Anna Nery Rev Enferm* 2008 set; 12 (3): 406-10.

⁶⁴ Documento micro-filmado disponível na edição online da Revista da Escola Anna Nery Rev Enferm 2008 mar; 12 (1): 12 - 18. No facsímile *A Enfermagem e o progresso social do Brasil*.

depois na Guanabara, adestrar enfermeiras hospitalares. No IX Congresso do Conselho Internacional de Enfermeiras que se reuniu em *Atlantic City*, Nova Jersey, em 1947, a Associação Brasileira de Enfermeiras⁶⁵ Diplomadas, filiada há 18 anos àquele conselho, foi representada por uma delegação de cinco enfermeiras. A presidente da associação apresentou o relatório sobre a Enfermagem no Brasil, “sua eminente enfermeira brasileira”. Nas palavras de Curtis, podemos entender que houve um aumento significativo de Enfermeiras diplomadas em 57 anos, um progresso da profissão que também foi ocasionado pelo desenvolvimento social e em outros campos de atividades no Brasil.

A partir daqui, a enfermagem moderna ganhou estatuto de serviço profissional médico-preventivo, instituição social, como carreira que se oferece à mulher brasileira. Não mais se delegam os cuidados de doentes a leigos, nem a serviços religiosos sem adequada formação profissional⁶⁶.

Havia no país, em início da década de 50, dezoito escolas de auxiliares de Enfermagem, três escolas universitárias, Ana Nery da Universidade do Brasil e as Escolas de Enfermagem de São Paulo e Bahia, ligadas às Faculdades de Medicina de cada Estado. Nesse momento havia uma preocupação em formar um número maior e eficiente de enfermeiras. O pós-guerra causou uma certa apuração do saber médico e uma maior interação entre as enfermeiras de diversos países. O I Congresso Nacional de Enfermagem, no Rio de Janeiro, tinha como lema “Aumentar o Número de Enfermeiras é contribuir para a Saúde Mundial”.

Paixão (1951)⁶⁷ também afirma sua preocupação com a formação moral dos estudantes de enfermagem e as condições precárias de funcionamento de escolas de Enfermagem e atendimento hospitalar da época. A maioria dos hospitais, afirma a autora, estão nas mãos de atendentes sob supervisão, na melhor das hipóteses de diplomadas, os

⁶⁵ A.B.D.E foi fundada em 1926, participando apenas enfermeiras de alto padrão, desde 1929 o Brasil faz parte do Conselho Internacional de Enfermeiras através dessa associação nacional e pelo alto padrão das escolas oficialmente reconhecidas (CURTIS, 1949).

⁶⁶ Infelizmente, não vamos inaugurar uma discussão de gênero, mas cabe deixar claro que não devemos esquecer o lugar que a mulher ocupava na sociedade, de mãe, de dona de casa, mas também de inserção no mercado profissional, principalmente após as duas guerras mundiais. Michelle Perrot (2008) afirma que Florence Nightingale preconizava os cuidados com o corpo como um ofício qualificado, paramédico, com salários decentes, para moças oriundas das classes medianas, que ela formara por ocasião da Guerra da Criméia. O *nursing* é diferente do emprego de serventes, ex-domesticas de origem bretã, auxiliares de enfermagem e não enfermeiras autônomas, pela República laica do doutor Boutneville.(PERROT, 2008, p.91-92.)

⁶⁷ O texto *A formação moral da estudante de enfermagem*, de autoria de Waleska Paixão, então presidente da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas - ABEDE e Diretora da Escola de Enfermagem Ana Néri da Universidade do Brasil, constitui-se em uma palestra proferida no V Congresso Nacional de Enfermagem. O evento realizou-se no Distrito Federal, em novembro de 1951, como parte da temática: Problemas Relativos às Escolas de Enfermagem. Marta Sauthier, comentarista do documento. Esc Anna Nery Rev Enferm 2008 jun; 12 (2): 208 - 16.

auxiliares são poucos e jovens que cursaram só o primário. As ideias de Florence Nightingale, enquanto tradição que atrasaria o progresso, não adequado mais ao ritmo de vida da estudante de enfermagem, bem como o excesso de técnica, ciência e disciplina.

Todas essas inquietações das enfermeiras no sudeste do Brasil nos fez pensar como essas questões foram pensadas e sentidas na Paraíba. Há uma enorme lacuna na história da Enfermagem, pois as enfermeiras diplomadas não se interessam em preservar suas memórias, contar sua história. Dessa forma obtivemos poucas referências sobre o tema em Campina Grande. Desta forma nos utilizamos a história oral e documentos oficiais para tentar contar um pouco da fundação da Escola Regional de Enfermagem.

Segundo Nóbrega (1979), as primeiras Enfermeiras que atuaram profissionalmente na Paraíba foram às irmãs da Sagrada Família: Ângela Merici e Maria Benigna, diplomadas pela Escola da Cruz Vermelha francesa. Contratadas pelo provedor da Santa Casa de Misericórdia, Pedro da Cunha Pedrosa, a 1º de janeiro de 1908, começaram a trabalhar no Hospital Santa Isabel (NÓBREGA, 1979, p.359). Em 1933 uma iniciativa pioneira foi o decreto municipal nº 272 de 30 de junho de 1933, que instituiu na Diretoria de Assistência Pública, então dirigida por Oscar de Castro, um curso intensivo de Enfermagem, para o adestramento teórico –prático de Enfermeiras que formou em um ano doze concluintes.

Dois anos depois se instalou o curso de visitadora sanitária no Departamento Estadual de Saúde, durante três trimestres. Aquiles Scorzelli Junior, diretor de Serviços Sanitários locais, instalou o Curso de Higiene e Puericultura, em julho de 1939, de onde saíram formadas trinta e três concluintes. Em 1942, um pouco antes da guerra, a diretoria de Saúde da 7ª Região Militar e as autoridades sanitárias municipais da capital estabeleceram um curso de Enfermeiras de Emergência. Janduí Carneiro fundou na Maternidade da Legião Brasileira de Assistência na capital, em 1944, o curso de atendente de Enfermagem Hospitalar. Napoleão Laureano criou, em meados de 1948, o curso de Enfermagem Hospitalar São Cristovão, que em 23 de janeiro do ano seguinte diplomava a primeira turma.

A filial paraibana da Cruz Vermelha Brasileira vem realizando sem alardes, mas com absoluta segurança, uma notável obra neste sentido. Em 1948, instituiu o curso de Auxiliares de Enfermagem, no ano passado o ampliou, visando também a parte de obstetrícia e puericultura. É de indiscutível necessidade a fundação em nosso meio de uma escola de enfermagem de nível superior, o que, aliás, já vem figurando nas cogitações das autoridades

pela Saúde Pública do Estado (OSVALDO TRIGUEIRO apud NÓBREGA, 1979, p.361⁶⁸).

Em 1946, o governador Osvaldo Trigueiro havia permitido a criação no Estado, a pedido da Cruz Vermelha, de uma filial da organização internacional, conhecida pela divisa de *na paz como na guerra, a caridade*. No ano de 1949, o governador recebe uma correspondência do paraibano Cleantho de Paiva Leite, alto funcionário da Organização das Nações Unidas, avisando que este órgão institui o Fundo Internacional de Socorro à Infância (FISI), para assistir as populações devastadas pela guerra ou pela crise de alimentos básicos no mundo, o que incluía os habitantes deste continente. Havia um sentido de solidariedade humana bem como vultosos numerários de que dispunham o referido Fundo, embora nenhum país latino-americano houvesse pleiteado o favorecimento desses recursos.

Assim, sugeria Leite que fosse a Paraíba o primeiro Estado brasileiro a solicitar essa ajuda. Atendendo à sugestão o governador, encaminhou através do Ministério das Relações Exteriores e do próprio mentor da ideia o pleito endereçado à ONU, que foi entregue em apreço pelo conterrâneo que o traduziu para o inglês, e fez chegar ao *Program Committee*, vertido em apreço. Na ocasião, o presidente Eurico Dutra visitava a ONU e, sabendo do interesse da Paraíba aos favores do FISI, autorizou que o PROGRAM COMMITTEE do fundo adotasse esse pedido como Plano Oficial e a Paraíba desta maneira como área de demonstração do FISI em todo o mundo. Sem demora o governador assim explica como aplicou os recursos:

O planejamento paraibano compreendia a construção e equipamento de oito maternidades regionais e dez postos de puericultura; preparo de pessoal técnico, com a fundação de uma escola de enfermagem de alto padrão, cursos intensivos e bolsas de estudo; serviços de propaganda e educação rural; difusão da prática premonitória pelo BCG, em todo o Estado, começando pelas localidades servidas de estrada de ferro; e serviços de merenda escolar” (OSVALDO TRIGUEIRO apud NÓBREGA, 1979, p.361)

⁶⁸ O governador Osvaldo Trigueiro, em Mensagem de 1950, trata da falta de enfermeiras de alto padrão no Estado. O que possibilitou tal colocação foram os cursos oferecidos pela Cruz Vermelha Brasileira que instalou-se em 1948 no Estado, oferecendo o curso de Enfermeiras Socorristas e logo depois o Curso de Puericultura, Obstetrícia e Enfermagem.

O committee on the Coerts of Medical preconizava que houvesse um médico para cada mil habitantes e dois enfermeiros por médicos. A população paraibana na década de 50 girava em torno de 1.685.400 habitantes, contando com 169 médicos e três enfermeiros, o alarmava qualquer técnico em saúde pública. Diante de tantas especulações com organizações internacionais podemos entender que a UNICEF agia na Paraíba por intermédio do FISI, e que provavelmente equipou a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Pois muitos dos equipamentos, biblioteca e outros artefatos detêm a marca desta organização e já mencionamos anteriormente a presença do FISI em Campina Grande.

A Escola de Auxiliar de Enfermagem da Paraíba foi aprovada em lei estadual nº 875, de 24 de janeiro de 1953, com o empenho do sanitarista Lúcio Costa, quando diretor do Departamento Estadual de Saúde. Todavia, a meta do sanitarista era uma escola superior, o que conseguiu em 1954 com a lei nº 1064, que criava a Escola de Enfermagem de alto padrão, mas a autorização para o funcionamento demorou quatro anos, porque o Ministério da Educação não havia autorizado o vestibular da instituição.

Outra instituição da capital paraibana que serviu de modelo para a escola campinense foi a Escola de Enfermagem *Santa Emilia de Rodat*, que foi idealizada no ano de 1957 por convite de Mere Almér Du Bou Pasteur, religiosa da Ordem da Sagrada Família, administradora do Hospital Santa Isabel. A portaria nº 368, de 11 de junho de 1958, que autorizou o funcionamento e o reconhecimento com o Decreto nº 236, de 27 de novembro de 1961. A inauguração de sede própria da escola aconteceu em 9 de maio de 1960. A turma pioneira colou grau em 12 de maio de 1962, em pomposa solenidade no tetro Santa Rosa.

Dessa forma podemos perceber como andava o ensino de enfermagem no Brasil e na Paraíba, para então justificar a fundação de uma escola de auxiliares em Campina Grande, e quais os anseios das jovens diplomadas que idealizaram a dita escola.

3.2. A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem

A Escola de Auxiliar de Enfermagem nasceu de sonhos e aspirações de um grupo de jovens Enfermeiras recém-concursadas do Hospital Alcides Carneiro, Lalie Navarro de Lima, Lenira Pacheco Moreira, Leonete dos Santos Bezerra e Luzia Almeida, procedentes do Macéio –Al.⁶⁹. Em 1962 corriam o Brasil em busca de modelos educacionais para a formação

⁶⁹ Maria do Carmo Navarro também acrescenta o nome de Irismar Lobo, que foi da primeira turma da Escola *Santa Emilia de Rodat*.

de Auxiliares de Enfermagem, observando o que havia dado certo nas Escolas de Santa Catarina, Curitiba, Rio Grande do Norte, Recife e João Pessoa. A preocupação inicial das Enfermeiras foi colocar a escola em nível de igualdade com as já existentes no Brasil. O modelo mais próximo das Escolas da capital paraibana.

Em 1964, sentiu-se a necessidade de criar uma Escola Auxiliar de Enfermagem, dando a Campina Grande indivíduos capacitados a proporcionar uma assistência preventiva e curativa, através de uma formação profissional específica; fornecendo mão –de –obra especializada para os diversos hospitais da cidade (SIQUEIRA, 1983, p.9).

A Enfermeira Luzia Almeida havia recebido e aceitado o convite de representar a classe de enfermeiros do Alcides Carneiro, junto à comissão executiva do Centenário. A comissão avaliava as necessidades de cada classe e fazia doações de primeira ordem, a enfermeira Luzia Almeida apresentou os objetivos da fundação da Escola de Auxiliar de Enfermagem, registrando a real necessidade de sua criação.

“O COMCENT construiu e equipou a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, dentro do plano de realização em honra do I Centenário de Campina Grande”⁷⁰. A coordenação desse trabalho coube à enfermeira Luzia Almeida, que exerceu o cargo de diretora dessa Escola de 1964/1965⁷¹, sendo logo depois substituída por Maria do Carmo Navarro. O projeto arquitetônico da Escola coube ao arquiteto Tertuliano Dionísio, a construção foi de responsabilidade de Edson de Sousa do Ô, os engenheiros do CONCENT, doutores Alberto Dahia e Aduino Medeiros, materializaram as aspirações e interesses das enfermeiras e de toda a sociedade campinense.

O ensino de auxiliares de enfermagem em Campina foi instituído pelo decreto 3.607, de 10 de agosto de 1964, assinado pelo governador Pedro Gondim, criando a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem e instituindo a sua base curricular e quem iria ministrá-lo. Nesse documento oficial já se definia as diretrizes tecnicistas, e o direcionamento curativo de suas disciplinas.

Foram nomeados médicos para o corpo docente, fizeram parte da Escola os médicos Dr. Milton Figueiredo, Dr. Raul Dantas, Dr. Arruda, Dr. Virgílio Brasileiro e outros. Lecionavam disciplinas como Ortopedia, Anatomia e Fisiologia, Pediatria e outras. E tais médicos, como mostra Oliveira (2009), necessitavam de mulheres que auxiliassem, como

⁷⁰ Inscrição na placa inaugural na entrada da Escola Estadual de Auxiliar de Enfermagem.

⁷¹ Em 1965 houve a tentativa de criação do distrito da ABEN (Associação Brasileira de Enfermagem)

Enfermeiras-pedagogas ou pedagogas-Enfermeiras, os médicos e cuidassem dos disciplinados tal qual cuidavam de seus filhos, dividindo com os médicos a responsabilidade, além da necessidade de atuarem também como professoras e na prática de higienização dos indivíduos.

O médico era um educador de sentidos, de posturas, de maneiras de ser e estar no mundo, o ator principal de um rigor científico legitimado social e culturalmente, controlando as normas adotadas e as divulgando no seio social. Além de receitar remédios, o médico educava o corpo e prescrevia regras de comportamento moral, social e sanitário (OLIVEIRA, 2009, p..208).

É inquestionável a importância que a educação tem na formação da cidadania e na formação profissional. A Escola retrata os valores de uma época, os anseios dos sujeitos que fazem a trama social. Campina, nas décadas de 50 e 60, tinha esses ideais sobre os médicos. Os médicos participaram do corpo docente de várias escolas no Sudeste, na campinense passaram poucos anos, pois, devido ao acúmulo de vínculos empregatícios, deixaram de lecionar. Vejamos as palavras da Enfermeira Haydée Guanais Dourado em 1952, parafraseando Anísio Teixeira, e falando sobre a importância de se repassarem conhecimentos e de refletir acerca da sociedade em dada época, repassando e formando indivíduos para nela atuar.

Para começar, examinaremos o que é a escola. Ora, educação é função natural pela qual a sociedade transmite a sua herança ‘ de costumes, hábitos, capacidades e aspirações aos novos membros, os quais assegurarão a sua continuidade. A educação escolar é um dos modos porque se exerce tal função’ (TEIXEIRA apud DOURADO, 2007)⁷²

Alfredo Pinto e a Escola Anna Nery são símbolos da enfermagem brasileira e precursoras de um saber de uma enfermagem à inglesa, pautada na disciplina e em exames de admissão severo. Investiam na conduta moral das estudantes, na eficiência e na beleza de movimentos, como bem coloca o doutor Mario Rangel:

A enfermeira eficiente deve habituar-se a “ver tudo” com um passar de olhos, no quarto ou na enfermaria. Deve fazer tudo com cuidado para não ter de fazer a mesma coisa duas vezes. Ao entrar no quarto ou na enfermaria, deve observar se há algo diferente do que estava quando ela saiu. Ao aproximar-se de um leito, observará a fisionomia do doente para ver se nota

⁷² Este artigo publicado por Haydée Guanais Dourado nos Anais de Enfermagem, em 1952, reproduzida na Revista de Enfermagem tinha como tema central o “Aperfeiçoamento dos Professores Privativos”. A autora discorre sobre o conceito de escola e corpo docente. Reproduzido na Revista Anna Nery volume 11 nº2, Junho de 2007 .

alguma diferença em relação á de antes. Observará a posição do doente na cama, se está confortável ou incomoda (RANGEL, 1963, p.26).

Forma indivíduos aptos para atuarem nos hospitais que exigiam uma mão-de-obra especializada para interagir nas suas modernas acomodações, na sua abundancia de matérias médico-hospitalares⁷³. O Estado se fez presente na implantação de mais um dispositivo higienista de educação médico-escolar na cidade, entrando em consonância com os discursos higienistas vigentes. “As condições legais, materiais e institucionais para o cumprimento da ordem higienista são dadas pelo Estado, que a legitima em consonância com as exigências do capital e do trabalho” (HORA, 2007, p. 6 apud OLIVEIRA p.210, 2009).

Para cumprir o legado do hospital fazia-se necessária certa disciplina, certo modo de ser, talvez seja isso que as palavras de Maria Do Carmo Navarro queira exemplificar. Maria do Carmo veio de Alagoas, onde trabalhava como Enfermeira de saúde pública, tendo sido nomeada para o então IPASE, o qual, até então, tinha permanecido sob a direção de Luzia Almeida por dois anos⁷⁴. Maria Do Carmo ficou na direção por 28 anos. Uma circunstância intrigante nessa história de Maria do Carmo é que a mesma morava nas adjacências da escola. A conversa com ela foi bastante esclarecedora, pois a mesma revelou como a Escola era mantida pela Secretaria Estadual de Educação e Saúde que na época atuavam como se fosse um só órgão.

Indagada sobre a formação que planejava para os auxiliares da Escola, Maria afirma: “Auxiliar de Enfermagem era o que tava precisando... e o que podíamos formar...[...] Formação para atender melhor o paciente, trabalhar em conjunto com a Enfermeira, pessoal do laboratório e raio X, integrar a equipe”⁷⁵.

Provavelmente a autora estaria falando do Hospital Alcides Carneiro, pois ela mesma diz que veio de Alagoas para essa instituição e pelo estudo dos consultores hospitalares era o que detinha um quadro mais completo de profissionais de saúde, embora necessitasse de um número maior de auxiliares para atender aos demais hospitais. Quando perguntei sobre o motivo de se uma escola de Enfermagem, a entrevistada foi bastante direta: “foi pela necessidade”. Quanto ao ensino da Escola Regional de Enfermagem, Maria do Carmo opina:

⁷³ Segundo Maria do Carmo o Alcides Carneiro era o mais bem equipado dos hospitais existentes, e o campo de Estágio preferido por tal motivo. Até porque a autora também era funcionária da instituição.

⁷⁴ Entrevista concedida a autora em dezembro de 2008.

⁷⁵ Os sinais de reticências são as pausas, o processo de rememoração que a autora faz enquanto ativa os arquivos da memória, é como se quisesse um tempo para buscar as lembranças.

“Ensino de alta qualidade.. Passávamos quase tudo o que sabíamos.. e o que estava ao alcance deles.. Chegavam no hospital com muita bagagem”.

Esse ensino de alta qualidade perpassou por vários anos, criando um “status” para a escola como formadora dos melhores profissionais em nível médio, mesmo com a concorrência das escolas particulares na década de 1990. A perfeição e a qualidade dos profissionais foram mantidas pelas suas precursoras, como Iara Lacerda, que assumiu a direção depois da saída de Maria do Carmo. Entre os profissionais de saúde, podemos perceber como essa escola marcou as identidades deles, e como reconhecem sua importância para o seu sustento.

Em 1949, foi promulgada a Lei 775, que dispõe sobre o ensino de Enfermagem no País, a qual foi regulamentada pelo Decreto 27.426 do mesmo ano. Adequava-se assim o ensino de Enfermagem às reais necessidades de qualificação profissional,abrindo-se novos campos de atuação,com perspectiva de nível superior para a profissão.(...)Com a Lei 775,de 6 de agosto de 1949 e do Decreto 27.426,procurou-se regulamentar o ensino de Enfermagem.Esses instrumentos legais oficializaram os cursos de enfermeiras e auxiliares de Enfermagem,estabelecendo,como pré-requisito,a conclusão do curso colegial e o período de 4 anos ,para enfermeiros e 18 meses para auxiliar de Enfermagem.Determinava ainda que ,a a partir de agosto de 1956,seria exigido o curso secundário para a matrícula em cursos de Enfermagem.Analisando essa lei ,constatou-se que seu conteúdo tem caráter essencialmente profissionalizante e é dirigido á assistência curativa (MOREIRA, 2002, p. 100).

Machado (2002) coloca que a lei que regulamentou o ensino de Enfermagem tornou-o obrigatório em qualquer nível em todas as sedes de Faculdade de Medicina. No período pós-64, certo contexto desenvolvimentista impulsionou a formulação de políticas de saúde, todas voltadas para incentivar e privilegiar a medicina curativa, hospitalar e privada. O autor afirma:

Com o incentivo e apoio político para o crescimento do setor privado de saúde , ocorreu um decrescente nível qualitativo no serviço de enfermagem. Devido à expressiva absorção de profissionais com menor qualificação disponíveis no mercado de trabalho –medida tomada pelo empresariado como forma de redução nas despesas de pessoal, (SILVA, 1987 apud MACHADO ET AL GEOVANINI, p.304.2002).

Desse modo, a intenção de formar profissionais para trabalhar em Hospitais passa pelo crivo do mercado capitalista, que exige uma qualificação profissional Sobre o ensino das escolas de hoje, Maria do Carmo fala:

A preparação não é igual... é muito diferente...o aluno ia pro estágio com professor ...com disciplina que recebia...hoje o aluno vai pra uma UTI sem ter visto aquela disciplina..Vai só pra olhar e não faz nada ..não entende nada..Na UTI é gama de doenças [...].

Os alunos eram bem acompanhados pelo professor.. não fazia nenhum procedimento sem o professor... hoje em dia, fico assim.. muito preocupada com a formação do profissional de enfermagem. Hoje é quase como comércio... um meio... vamos dizer assim, um comércio onde cobrasse tanto por cada aluno...não digo que são todas as escolas.(MARIA DO CARMO,2008)

A escola exportava profissionais para a Beneficência Portuguesa, hospital de São Paulo que, segundo a fundadora, elogiava a qualidade dos profissionais por ela formados em Campina Grande, e recebia regularmente cartas da instituição solicitando mão-de-obra. Muitos alunos foram embora da cidade por meio da qualificação profissional da Escola. Outros interessados foram atraídos, vindos do interior para a moderna e educada Campina, chegando de Cajazeiras, Queimadas, Lagoa Seca, Esperança, Boqueirão, entre outros lugares.

No discurso da fundadora observamos que Campina Grande começa a produzir profissionais, ou seja, a cidade não só recebe profissional, mas também manda profissionais para atuar de Norte a Sudeste. Da mesma maneira que começou a produzir seus médicos, passou a dar acesso aos moradores da urbe a esse saber racionalizado, “perdendo” dessa forma seu status de vila e ganhando o de cidade moderna, desenvolvida, limpa e educada, equiparada às mais modernas do país.

A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem nasceu em um contexto social em que vigoravam a escolarização e os interesses de políticos para qualificação profissional. Nasceu laica, diferente de outras mais antigas que obtiveram a presença de religiosas na direção. A cidade ansiava pelos operadores de seus equipamentos modernos e para ver os novos lugares de suas práticas médicas funcionando⁷⁶. Em 1957, das 34 escolas de enfermagem existentes no Brasil, apenas 13 eram vinculadas ao poder público, enquanto 21 pertenciam ao segmento privado. O mais curioso foi constatar que a Igreja continuava assumindo com ênfase esse espaço, pois, das 34 escolas, 19 eram dirigidas por religiosas e 15 por enfermeiras leigas.

A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem foi dessas poucas que partiram do interesse público, criando modelos e parâmetros a serem seguidos pelas escolas que vieram depois, de origem particular. O fato é que esses modelos profissionais importados de vários

⁷⁶ Sobre a formação de Escolas, ver revista *Anna Nery*, de dezembro de 2006. .Fac-símile do artigo *Algumas tendências para a formação de enfermeiras*, de Haydée Guanais Dourado.

lugares do país, segundo Maria do Carmo, foram muito bem adaptados para a realidade local, pois as enfermeiras procuravam diretoras com muita experiência, com as quais poderiam aprender a definir as diretrizes que seguiriam: “Os alunos respeitavam a hierarquia... era dona fulana... respeitar a partir do tratamento... do aluno com o professor e do professor com o diretor. Onde não há hierarquia, nada vai pra frente”.(MARIA DO CARMO NAVARRO,2008)

As colocações de Maria do Carmo são fruto de seu tempo e da concepção de ensino e de enfermagem que cultivou na Escola Regional de Enfermagem. Sobre a nossa impressão da figura de Maria do Carmo, pode ser exemplificada pelas palavras de Haydée Dourado. Pela influência que exerceu sobre os auxiliares e pela a influência de figuras ilustres que frequentaram a escola mesmo depois da criação, como Vital do Rêgo.

O líder, no universo dos estabelecimentos de ensino ,será o que ultrapassa os seus pares em três qualidades essenciais ao desempenho de sua função:

- tem estrutura moral e capacidade profissional que não levem ficar aquém daquelas dos seus pares;
- tem compreensão da personalidade humana;
- tem capacidade de exercer influência.

Aliás, os três atributos estão intimamente ligados.

1-A estatura moral é medida pelos valores da nossa cultura.

2-A compreensão da personalidade humana deve ir ao ponto de abnegação de si mesmo todas as vezes em que atitude ao espírito facilitar a outrem a volta à harmonia interior e atingida (DOURADO, 1952).

Na fala doce e segura de Dona Maria, no porte, na altivez, na elegância natural de suas palavras, encontramos uma alma idealista que muito se dedicou à sua profissão, bem ao estilo das grandes damas da enfermagem brasileira. Em seu depoimento cabem várias interpretações: uma disciplina advinda do próprio meio, a ditadura militar em voga nos primórdios da Escola, bem como a forte influência inglesa do regime de internato, pois a escola funcionava o dia todo. Sobre a Enfermeira Rachel Haddock Lobo, na inauguração do laboratório de dietética infantil no hospital São Francisco, assim se refere Bertha Lucille Pullen, sua contemporânea :

Dotada de alma idealista, vivia para a Enfermagem e a ela se dedicava com amor e altruísmo. Elevar a profissão, formar enfermeiras aptas, desenvolver o nosso campo de ação. Auxiliar as novas organizações, foi sempre a sua preocupação constante.⁷⁷

⁷⁷O fac-símile *Um novo serviço* foi publicado no *Annaes de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. I, no. 2, p. 13-15, em dezembro de 1933. Atribui-se este texto a Bertha Lucille Pullen, terceira e quinta Diretora da Escola Anna Nery do Departamento Nacional de Saúde Pública, no período da Missão Técnica de Cooperação para o

Por que não usar as mesmas definições para as fundadoras da escola? Quem irá direcionar o nosso olhar para isso é uma ex-aluna da Escola Regional de Enfermagem, hoje enfermeira diplomada, que ainda atua em um dos hospitais da cidade, Euba Dias Santiago⁷⁸. Ela relata que seu primeiro estagio foi no Hospital em Cajazeiras, pois na época passava-se um período de três meses para que pudesse ser contratada pelo Estado.

Euba saiu de Cajazeiras com uma oferta de emprego oferecida pela ex-professora Leonete na FAP; logo após fez um concurso para o DASP⁷⁹, sendo chamada pelo DNOCS⁸⁰, onde só depois de estar trabalhando no Alcides Carneiro, por meio de uma empresa terceirizada, foi chamada para o concurso no qual tinha obtido êxito. A oferta de empregos para Enfermeiras e auxiliares era muito grande. Euba afirma que faltando quatro meses para concluir seu curso de auxiliar, já tinha três propostas de emprego diferentes tanto em Campina quanto fora.

Euba relata a preocupação de Maria do Carmo com as alunas até mesmo em assuntos relacionados a namoro, não permitindo que os namorados fossem buscá-las na frente da escola para que não suscitasse falatórios sobre a moral da enfermagem. Sabe-se que tal ofício, em séculos passados, foi estigmatizado, pois era exercido por pessoas de baixo calão moral, bêbadas, prostitutas e desocupadas de toda sorte. Florence veio mudar isso, abrindo espaços para as *ladies*, instruídas e bem nascidas exercerem a Enfermagem no século XIX.

Ao ser perguntada quem eram as suas professoras, pois a mesma fez parte da segunda turma formada pela Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, ela assim responde:

Dona Maria do Carmo Navarro, Lalie Navarro⁸¹, Leonete, Luzia Almeida... Zélia Uchôa. Mas elas eram minhas professoras. Vinha de João Pessoa... Dona Glória que vinha de João Pessoa e fazia parte da Escola. Todas eram ótimas... até Irismar que era mais a avexadinha⁸²... tenho saudade ... uma vez ela me deu um grito (risos.)... precisa me gritar tô aprendendo..[...] eu fui fazer uma mesa lá no HU e contaminei a pinça...(risos) ela gritou você

desenvolvimento da Enfermagem no Brasil. No dia da inauguração a autora enumera um grande número de médicos, será que ela necessitava da aprovação desse saber médico operante, pois o chefe da pediatria era um médico-professor da Faculdade de medicina. Embora seja considerada a grande de Rachell na educação de mães no laboratório da pediatria, ministrando aulas de higiene infantil.

⁷⁸ Entrevista concedida a autora em novembro de 2010.

⁷⁹ Departamento Administrativo do Serviço Público.

⁸⁰ Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.

⁸¹ Segundo Maria do Carmo era enfermeira do Pedro I, que na sua opinião era um bom hospital. Lalie era cunhada de Maria.

⁸² Ela afirma que as outras professoras citadas “eram mais calminhas”, Maria do Carmo Navarro. Lenira Pacheco. Irismar era nervosa.

contaminou a pinça... ai que eu contaminei mesmo... A senhora fica gritando (risos).(EUBA DIAS SANTIAGO,2009)

O objetivo do curso era fomentar uma mão-de-obra de melhor nível técnico, capacitada para manipular as novas tecnologias médicas e exercer práticas curativas, como bem coloca o Médico Malta Santos, quando afirma que

Durante o curso, muito de sua eficiência é avaliada pela rotina dos métodos hospitalares [...]. As escolas de Enfermagem deveriam dedicar mais tempo em fazer suas estudantes bem ajustadas, e preparadas para lidar com personalidades, porque certamente isso melhoraria a qualidade do trabalho que elas têm a fazer⁸³.

Ao escutarmos as palavras de Euba, imediatamente nos lembramos desse Artigo de Malta Santos onde ele descreve o tipo de profissional que a Enfermagem deveria formar.

Quando perguntada sobre a enfermagem hoje, ela responde, comparando com a equipe da época que estagiou no Alcides Carneiro,

A equipe de enfermagem trabalhava com muito cuidado... não sei hoje... era muito coesa com os médicos... muito assim... junto com os pacientes e com os médicos... Dona Maria Carmo... tenho muito orgulho dela... Lalie Navarro transmitia aquele cuidado pra gente... se fosse uma medicação tinha que olhar três vezes o nome pra dar a medicação...⁸⁴.(EUBA DIAS SANTIAGO)

Euba fala que havia uma coesão entre os médicos e enfermeiras da época, o que transparece que a Enfermagem, atualmente, não acompanha os médicos, de modo que ambos tomam caminhos diferentes em suas ações e pensamentos. Suponhamos que a crise do modelo de Florence de submissão ao saber médico, e até à crise que o profissional médico vem

⁸³ O presente artigo foi escrito por Malta Santos, médico sanitário, em 1951, onde aborda a questão da Enfermeira de Saúde Pública e Higiene Mental. Reproduzido na íntegra (digitalizado) na Revista *Anna Nery*, nº4, volume11, de dezembro de 2007. Uma das afirmações mais intrigantes desse médico foi “a enfermeira de saúde pública se encontra em melhor posição para ajudar o indivíduo e a família que qualquer outro profissional”. Ou seja, estavam mais próximos dos indivíduos e sobre eles exerciam certo poder..

⁸⁴ Entretanto, o ritmo do progresso não se manifesta igualmente em todos os setores, mesmo correlatos. Assim, às descobertas científicas aplicadas à medicina nem sempre tinham uma relevância rigorosa para o progresso da enfermagem. Há no trabalho da Enfermeira três elementos principais, considerado básicos em nossos dias: espírito de serviço (ou ideal), habilidade (arte) e ciência. O mais importante, evidentemente, era o espírito de serviço, essa inclinação natural do homem, ser social por excelência. Esse espírito precisa atingir elevados graus naquelas que se propõem ao cuidado dos doentes e à preservação da saúde (PAIXÃO, 1979, p.17). Nessa fala de Waleska Paixão, podemos inferir os ideais de enfermagem de ontem e os de hoje, por meio da fala da nossa entrevistada, que coloca o cuidado, o espírito de serviço e os ideais de Enfermagem um pouco de lado para atender as aspirações sociais.

passando, pode favorecer esse distanciamento. Perguntei a Euba o que achava da Enfermagem hoje?

(Silêncio) Tem muito conhecimento técnico. Tem tudo de bom pra aprender! Mas não vejo a dedicação das minhas professoras... Acho que por isso que fiquei assim... preocupada com os pacientes... fui na Catingueira com aquela história que lhe falei... saber se o paciente tinha tomado a medicação... não pra ser boazinha... Vejo a enfermagem muito no salto... muito atrás de dinheiro, emprego melhor tá certo... tem que se valorizar, mas não vejo interesse... não de todas, de saber se o paciente tomou aquela medicação... de ficar junto do médico pra saber o que ele precisa... passar a visita com ele.⁸⁵(EUBA DIAS SANTIAGO)

Na fala de Euba, as lembranças afloram quando ela rememora. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”(BOSI, 1994, p.55). Observamos também como as memórias dela estão ligadas a um grupo social, a Enfermagem. Lembra os amigos que se foram para Recife, Brasília, mas quando pergunto o ano que ela se formou como Enfermeira diplomada, diz que “só olhando no papel”. A memória em si é seletiva, e nos atrevemos a dizer emotiva. Muitas falas de Euba são impulsionadas e emitidas pela emoção, que a faz rememorar certos acontecimentos de sua vida, as alegrias, as tristezas. Quanto aos novos hospitais, às novas tecnologias médicas, a ex-aluna assim fala: “Quando fui chamada para aquele hospital do câncer tive vontade de chorar... Ver aquela tecnologia... na minha idade não dá pra acompanhar tanta tecnologia. Já é uma coisa mais moderna... posso até me perder”.

Diante das novas tecnologias médicas Euba sentir-se-ia desterritorializada, uma nova sensibilidade moderna aflora, e ela sente medo. O velho na nossa sociedade é relegado como um ser antigo, atrasado, muitas vezes incapaz de acompanhar a modernidade. Cabendo a ele apenas lembrar o passado e dele lembrar-se com saudade.

Euba conta de uma visita de Maria do Carmo na instituição que ela trabalhava, e de como ela ficou envaidecida com os elogios da professora “é um orgulho... sua professora ver depois de tantos anos na ativa... fazendo aquilo que ela lhe ensinou”. A influência que Dona Maria exerceu sobre Euba é notória, não só ela, mas tudo que aprendeu como auxiliar é

⁸⁵ Em 1680, a visita médica ao *Hôtel-Dieu*, (o maior hospital de Paris, era feita apenas uma vez por dia, frequência que só iria se intensificar no século seguinte. As consultas eram feitas nas moradias e os enfermos encaminhados aos hospitais somente nos casos de serem portadores de doenças contagiosas ou de oferecerem algum outro tipo de risco para a sociedade. Uns e outros para morrer (TOLEDO, 2006, p.2).

bastante destacado em suas colocações, e por ela declarar não se sentir uma enfermeira diplomada, formada, de nível superior.

Dessas lembranças de Professora e ex-aluna que traçamos nessa narrativa, pretendendo expor um pouco como era o cotidiano hospitalar, a relação, a influência das Enfermeiras nos seus alunos, partimos da memória coletiva acerca do que as pessoas lembram e dizem sobre a Escola Técnica Estadual de Campina Grande. O nome mudou com os anos, mas sua marca na cidade não. Para tentar explicar e compreender os motivos da criação da Escola, buscar a sua história, suas memórias, fomos ao individual e do individual voltamos ao um coletivo.

As preocupações com a educação e saúde estão evidentes nas décadas de 50 e 60, até porque as secretarias de saúde e de educação deveriam ser uma só na visão de SILVA e VALENTE (1965), aproveitando os grupos escolares para serem lócus de educação primária e de normas e princípios de educação sanitária e de nutrição.

O trabalho dos consultores hospitalares aponta que a criação de Escolas de Enfermagem serviu para aperfeiçoar os cuidados médicos proporcionados aos pacientes, para dinamizar bem como para a contenção de despesas do município já que o aprendizado se dava nos hospitais campinenses. Numa nota de roda pé, os consultores hospitalares falam da inauguração da Escola de Auxiliares de Enfermagem, “com modernas instalações e provida de equipamentos necessários”.

A ampliação da rede hospitalar requereu a criação de novas escolas de Enfermagem, assim como a criação dos programas de treinamento em serviço para os chamados práticos de Enfermagem. Assim, o enfermeiro assume atividades de gerenciamento das ações de Enfermagem e passa a delegar aos auxiliares o cuidado com os doentes. Sua prática torna-se administrativa ou educativa, atendendo fielmente a proposta do modelo nightingliano (GEOVANINNI, 2002, p. 45)

A função da enfermagem no hospital é a assistência propriamente dita, ou seja, é o corpo da Enfermagem que fica por mais tempo próximo ao doente, escutando suas lamentações, vigiando para que se cumpram as ordens médicas. É a enfermeira que presta os cuidados de higienização dos corpos por meio de banhos e curativos, proporcionando medidas de conforto ao enfermo, além de dividir com o médico a tarefa de tocar nos corpos e exercer uma disciplina. Nas conversas com médicos ainda sobrevive um sujeito médico elitista e auto-referente, que deixa de lado a assistência multiprofissional. Muitos afirmam a necessidade de

uma divisão de tarefas, contanto que “a Enfermagem contribua com as práticas médicas de forma técnica”⁸⁶, traços de uma pretensa hierarquia médica.

Dessa forma percebemos a maneira como o olhar médico enxerga a contribuição da Enfermagem no processo saúde-doença do indivíduo. Supô-la como mera ajuda técnica revela a arrogância flagrada na fala do médico quando este relega a Enfermagem a indivíduos que só efetuam a técnica, sem uma abstração teórica sobre suas atividades.

A escola, enquanto espaço de socialização de medidas e condutas higiênicas, nasce de certa preponderância do saber médico na cidade na década de 50 a 60, que necessitava de enfermeiras para ajudarem a integração de seu saber com o cotidiano dos pacientes nos hospitais da cidade. Preocupações de uma cidade moderna que necessitava de espaços de cura onde o saber médico fosse explicitado, onde enfermeiras exercem a vigilância e medidas higiênicas nos doentes. Esse é o novo campo que se mostra a esses sujeitos históricos.

A Enfermagem vai se consolidar na década seguinte com a chegada do curso superior em Campina. Assim, a escola ousou romper esta sequência, formando primeiro os auxiliares, e não enfermeiras-educadoras, atendendo às necessidades de maior urgência para a cidade.

A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem foi criada para atender a uma cidade que se dizia moderna na projeção de suas ruas, nos novos hábitos civilizados de seus moradores e nos saberes nascentes com toda uma rede de escolas e faculdades, hospitais e postos de Re-hidratação, campanhas de vacinas e projetos de industrialização, projetos políticos de embelezamento e modernização da cidade. Dentro deste quadro foi criada, moderna e equipada, para atuar da melhor forma possível junto aos doentes.

⁸⁶ Fala de um cirurgião torácico, professor de uma das faculdades de Medicina na cidade. Graduado pela UFPB em 2000, nesta cidade.

Considerações finais

A criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem foi construída para atender a uma cidade em pleno processo de medicalização de seus espaços, tecendo uma rede hospitalar por sobre seu corpo, revendo seus conceitos e práticas de cura. A modernidade muito contribuiu para rever certos conceitos e instituir a educação e higienização como ordem do dia em Campina Grande.

Influenciando seus agentes sociais, como jornalistas, educadores, médicos, políticos e enfermeiras, a voltarem seus olhos para os problemas de disciplinamento, não só do corpo urbano, mas dos corpos dos habitantes da urbe, encaramos a criação da Escola Regional de Enfermagem como um evento histórico-social que possibilitou pensar como as pessoas eram assistidas na cidade nos idos entre 1950 e 1960 em Campina Grande.

Tentamos compreender como todo esse ambiente influenciou a criação da Escola, a aplicação de valores vindos de fora na cidade, o consumo e apropriação que os agentes sociais fizeram, sobretudo aqueles considerados letrados.

Encerramos assim este trabalho com muitas lacunas, pois muito ainda há para se explorar sobre o consumo e apropriação nas décadas estudadas; apenas podemos afirmar que os habitantes de Campina estavam antenados com o que ocorria no Brasil.

Observou-se também que muitos dos profissionais de saúde de nível técnico que atuam nesta cidade foram formados na referida Escola, detendo em suas memórias a marca da disciplina, da perfeição, da técnica e eficiência do trabalho, tão presentes na fala de nossas entrevistadas. A disciplina que aprendiam no cotidiano da escola chega ao hospital para fazê-lo funcionar, para demonstrar a perfeição da técnica. Muitas vezes ela foi questionada, como observamos na fala de Euba, uma das entrevistadas, e provavelmente até mesmo burlada, mas atravessou o tempo e hoje se torna uma prática passível de ser historicizada.

Desta forma, a Escola Regional de Enfermagem simbolizou um espaço de produção de profissionais de saúde que muito contribuiu para uma assistência mais digna à população campinense.

REFERÊNCIAS

I – Fontes Escritas (Arquivos e bibliotecas)

Biblioteca e Arquivo da secretária da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem.

Arquivo do museu Histórico e Geográfico de Campina Grande: O Rebate (1950, 1955), O Momento (1950), Diário da Borborema de (1964), Revista de Cultura (1965).

Biblioteca Átila de Almeida: Diário oficial (1959, 1961, 1962, 1963).

Biblioteca Central UEPB. Monografias (1983), (2001), (2006).

II – Fontes orais

(Ex- professoras e Ex-alunos da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem).

III – Fontes cinematográficas:

Filme Quase Deuses. Direção Joseph Sargent, roteiro: Peter Silverman e Robert Caswell, EUA, DVD, 2004. Duração: 01 hs 50 min.

IV – Fontes televisivas:

Seriado Dr. House, exibido pela rede Record de Televisão

V – Fontes eletrônicas:

SANGLARD e Costa. Patrimônio Cultural da Saúde: uma história possível.?. In: XIII Encontro de História ANPUH. Rio de Janeiro, 2008. http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212753026_ARQUIVO_TextoPCSANPUH2008. Acesso em : Janeiro de 2009. 18h e 30.

Revista Anna Nery. Vol 11 nº 4. http://www.eean.ufjf.br/revista_enf/2007_vol11/2007_vol11n04DEZEMBRO.pdf

Revista Anna Nery nº2 volume 11. Disponível: http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/2007_vol11/2007_vol11n02JUNHO.pdf acesso em agosto de 2010 as 17 .48

Revista Anna Nery março e dezembro de 2007, nº1. Disponível http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/2007_vol11/2007_vol11n01MAR%C3%87O.pdf . Acesso setembro de 2010 10:30

Revista Anna Nery, setembro de 2008 ,nº3[on line] http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/20083/FACSIMILE.pdf. Acesso setembro de 2010 17:35

É o Rotary Club uma sociedade Secreta? <http://www.artigonal.com/evangelho-artigos/e-o-rotary-club-uma-sociedade-secreta-1661076.html> .acesso as 16:40 18 de novembro de 2010

Revista Anna Nery dezembro de 2008.Vol.12 nº 4.[on line]http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/20084/05FACSIMIL.pdf. Acesso em agosto de 2010.18h e 20.

Site consultado:<http://www.rotary.org.br/>

VI – Fontes bibliográficas

REVISTA CONVIVER. Campina Grande: Editora da UNIMED, 2009. Trimestral. ISSN 1983-1102.

AGRA do Ó, Alarcon. **Da cidade de pedra à cidade de papel**: projetos de educação, projetos de cidades - Campina Grande (1959). Campina Grande, PB: EDUFCEG, 2006.

AGRA, Giscard F. **A urbs doente medicada**: a higiene na construção de Campina G(g)rande, 1877 a 1935. Versão revista e corrigida e ampliada da Monografia apresentada à unidade acadêmica de história e geografia da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande , 2006.

ALMEIDA, Elpídio de. Gremio de Instrução. In: **História de Campina Grande**. 2ª Ed. João Pessoa: Editora Universitária.UFPB, 1978, p. 322-339.

ANDRADE, José Lopes de. **Uma Militância na Imprensa**: Estudos de urbanização, Política, Economia, Educação e Literatura. João Pessoa: Bolsa de Mercadorias da Paraíba; Grafset, 1984.

ARAÚJO, Railane Martins de. **O governo de Pedro Gondim e o Teatro do poder na Paraíba**: Imprensa, imaginário e representações (1958-65). 2009. 139f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2009.

BARBOSA, Roseli Cerqueira. **Alguns eventos sobre a história da Enfermagem em Campina Grande-Pb**. Trabalho apresentado à coordenação do curso de Enfermagem e Obstetrícia, 1983. 26p.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar**: aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Loriati. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BEZERRA, Francisco Chaves. História, cultura e ensino superior na Paraíba: implantação, estadualização e Federalização. Em: **Saeculum**, n.15, jul./dez. 2006. [on line] Disponível em:< <http://www.cchla.ufpb.br>>.Acessado em 18 de jan. de 2010.17h e 30.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velho**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, ano, .p.9-69.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi H. (Org.). **História e Desafios**. Rio de Janeiro.:FGV, 2002, p.17-35.

BRESCIANI, Maria Stella. História e Historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos César de. (Org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: USF-Contexto, 1998, p. 237-258.

BRITO, Nara. **Oswaldo Cruz: A construção de um mito na ciência brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, p.77-107.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)**. 2007. 88-159 Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa 2007.

CAPONI, Sandra. Corpo, população e moralidade na história da medicina. In: **Revista Esboços** (Dossiê: Corpo e História), v. 9, n.9, p. 69-86, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CORREIA, Ana Paula Pupo. Arquitetura Escolar: A cidade e a escola rumo ao progresso- Colégio Estadual do Paraná (1943-1953). In: BENCOSTTA, Maucus Levy (org.). **História da Educação. Arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005. p.221-257.

DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande**. (2 vols.). João Pessoa: A União, 1993.
FILHO, Lino Gomes da Silva. **Síntese Histórica de Campina Grande:1670-1963**. João Pessoa: Grafset, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002, p. 21-85.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da Clínica**. Tradução Roberto Machado. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 31ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987, p. 117-142.

FOUCAULT, Michel. Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982). Tradução Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.59-67.

GEOVANINI, Telma. (et.ali) **História da Enfermagem: versões e Interpretações**. Rio de Janeiro: Reinventer, 2002.

GORDON, Richard. A assustadora história da medicina. Tradução de Aulyde Soares Rodrigo. 6ª.ed. .Rio Janeiro: Ediouro, 1996.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**. Campina Grande, PB: Prefeitura Municipal de Campina Grande. Secretaria de Educação, 1999.

LEITÃO, Fabiana Oliveira. **Quando o médico abandona sua criatura: Mudança do saber médico em Campina Grande (1920-1950)**. 63p. Monografia (Licenciatura em História) – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2005.

LOPES, José Stênio. **Um grande esforço em Educação: Município de Campina Grande (1964)**.

LOPES, José Stênio. **Escola Politécnica de Campina Grande – Uma Experiência de Desenvolvimento Tecnológico do Nordeste**. Campina Grande, PB: Tecnal, (s/d).

LOPES, José Stênio. **Campina: luzes e Sombras**. Campina Grande: Grafset, João Pessoa, 1989.

MENDONÇA, Delosmar. **História dos Hospitais da Capital Paraibana**. João Pessoa: Sal da Terra, 2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992. (Caminhos da História).

NÓBREGA, Humberto. **As raízes da ciência da saúde na Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária, 1979.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti. Alfabetizando a Rainha da Borborema com o bisturi do progresso: práticas médicos-higienistas e educação primária em Campina Grande(1920-1940). In: ANDRADE, Joel Carlos de Souza. [et al]. **Cultura e Cidades**. 1ª Ed. Campina Grande: EDUFPG, 2009.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti. Tem(l)pos de Consumo: memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX). **Saeculum** n.16. jan-jun, 2007.[on line] Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum16_dos05_oliveira.pdf. Acessado em: 18 de jan de 2010. 17h e 30.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. Tradução Ângela M.S. Corrêa. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PAIXÃO, Waleska. **História da Enfermagem**. 5ed. Rio de Janeiro: Júlio C.Reis, 1979.

RANGEL, Mario. **Arte e técnica da Enfermagem**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Irmãos Giorgio & Cia Ltda editores, 1963.

REVEL, Jacques; PETER, Jean. O corpo. O homem doente e sua história .In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Org.). **História: novos objetos**. Tradução Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: 1995 p.140-159.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista de Educação**. [on line]Maio/Jun/Jul/Ago 2002 n.º 20.Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde20/rbde20_06_maria_da_graca_jacintho_setton.pdf.Acessado em 29 de Set de 2010.12h e 28.

SANGLARD, Gisele. A construção dos espaços de cura no Brasil entre a caridade e a medicalização. In: **Revista Esboços** (Dossiê: História entre a saúde e a doença), v.13, n. 16, 2006, p.11-33.

SOUZA do Ó, Edvaldo. **História da Universidade Regional do Nordeste**. Campina Grande: GRAFSET, 1986.

SOUZAA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. 2002. 445p. Tese. (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

SOUZAB, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande (1920-1945)**. 2001. 371p. Tese (Doutorado em História). UNICAMP, Campinas, SP, 2001.

SILVA. Itan Pereira. **Edvaldo do Ó: Um tropeiro da Borborema** (Tópico da sua caminhada) Campina Grande: Caravela, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 81-102.

SILVA, Geraldo J. da Rosa; VALENTE, Ârne de Oliveira. **Um estudo da Rêde Médico Hospitalar de Campina Grande.** Ministério da Educação. Serviço de Documentação. Departamento de Imprensa Nacional. 1965.

STUTZ, Beatriz Lemos. **Técnico em Enfermagem no município de Uberlândia: a construção Histórica de uma profissão e a primeira instituição escolar.** 2009. 249 p.. Tese (Doutorado.em Educação) Universidade Federal de Uberlândia. Programa de pós-graduação em Educação, Uberlândia, 2009.

TOLEDO. Luiz Carlos. **Feitos para Curar. Arquitetura Hospitalar e Processo Projetual No Brasil.** 2002,184p. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura). Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROAQ, 2002.

ANEXOS



Figura 1: Maleta disponibilizada pelo UNICEF para as parteiras. Arsenal da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Acervo pessoal.



Figura 2: Seringas de vidro faziam parte do arsenal doado à sala de técnica da escola pelo UNICEF. Arsenal da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Acervo pessoal.



Figura 3: Carro de curativo com alguns objetos de uso hospitalar como a comadre e bandejas utilizadas na época para curativo. Arsenal da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Acervo pessoal.

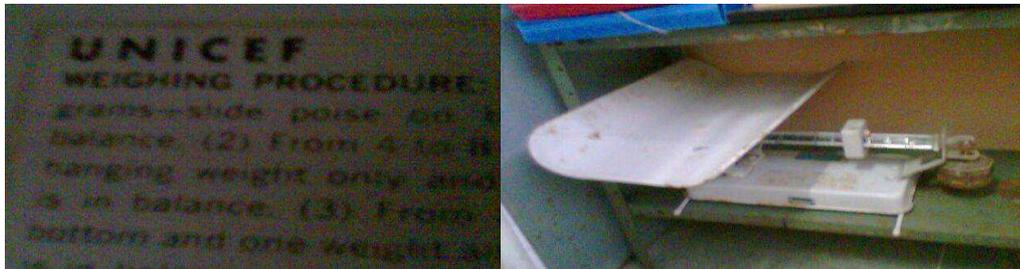


Figura 4: Balança doada pela UNICEF, em destaque o logotipo da organização. Arsenal da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Acervo pessoal.



Figura 5: Frascos utilizados para armazenar álcool e outras substâncias da rotina hospitalar. Arsenal da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Acervo pessoal.



Figura 6: Esse artefato era utilizado para esterilização de pinças no início de 60. Arsenal da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Acervo pessoal.



Figura 7: Escarradeira (nos remeteu à Liga Campinense Contra a Tuberculose). Arsenal da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Acervo pessoal.

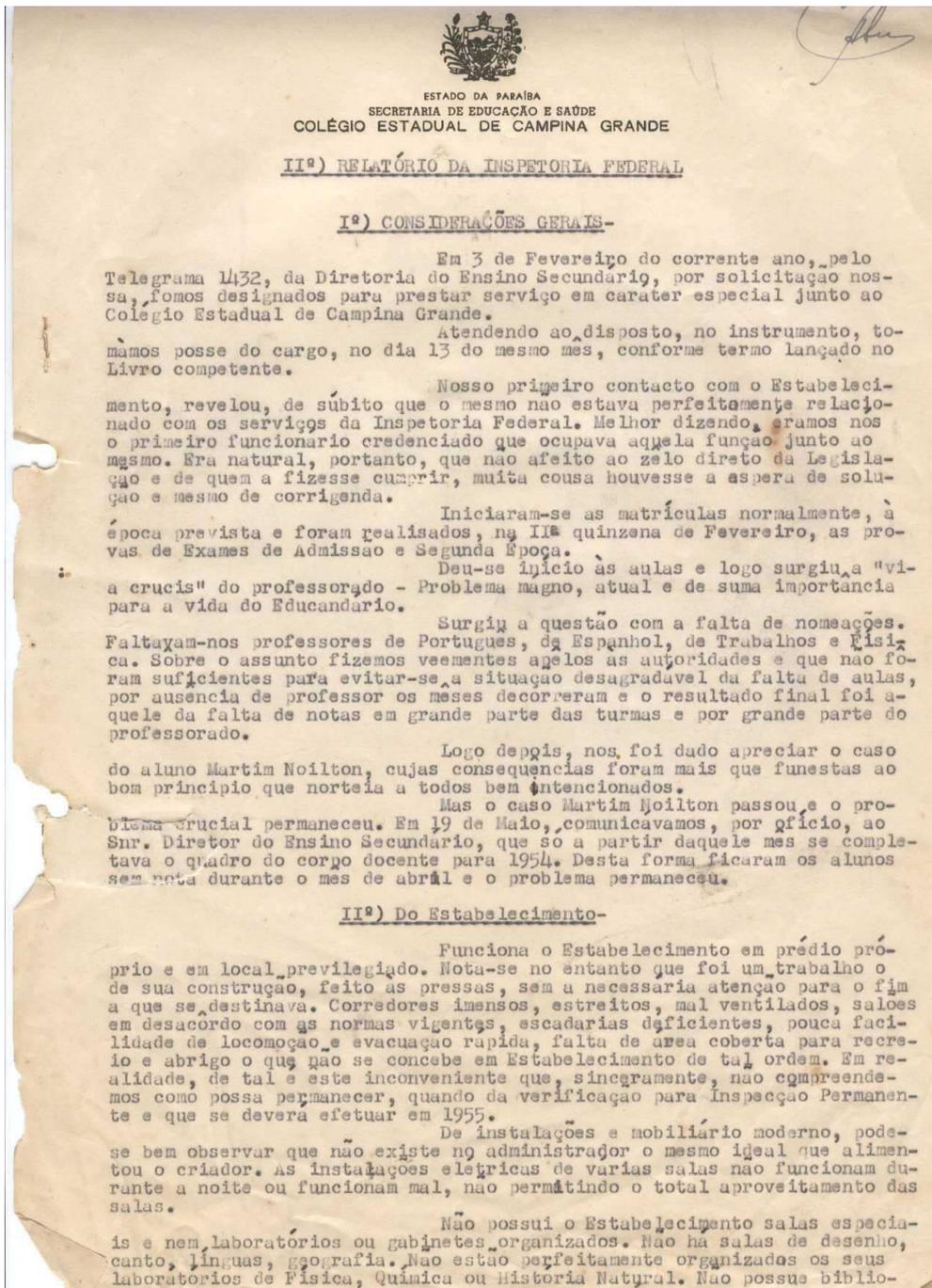


Figura 8: Relatório da Inspeção de Ensino sobre a estrutura do Estadual da Prata. Retirado do Blog www.colegioprata.com.

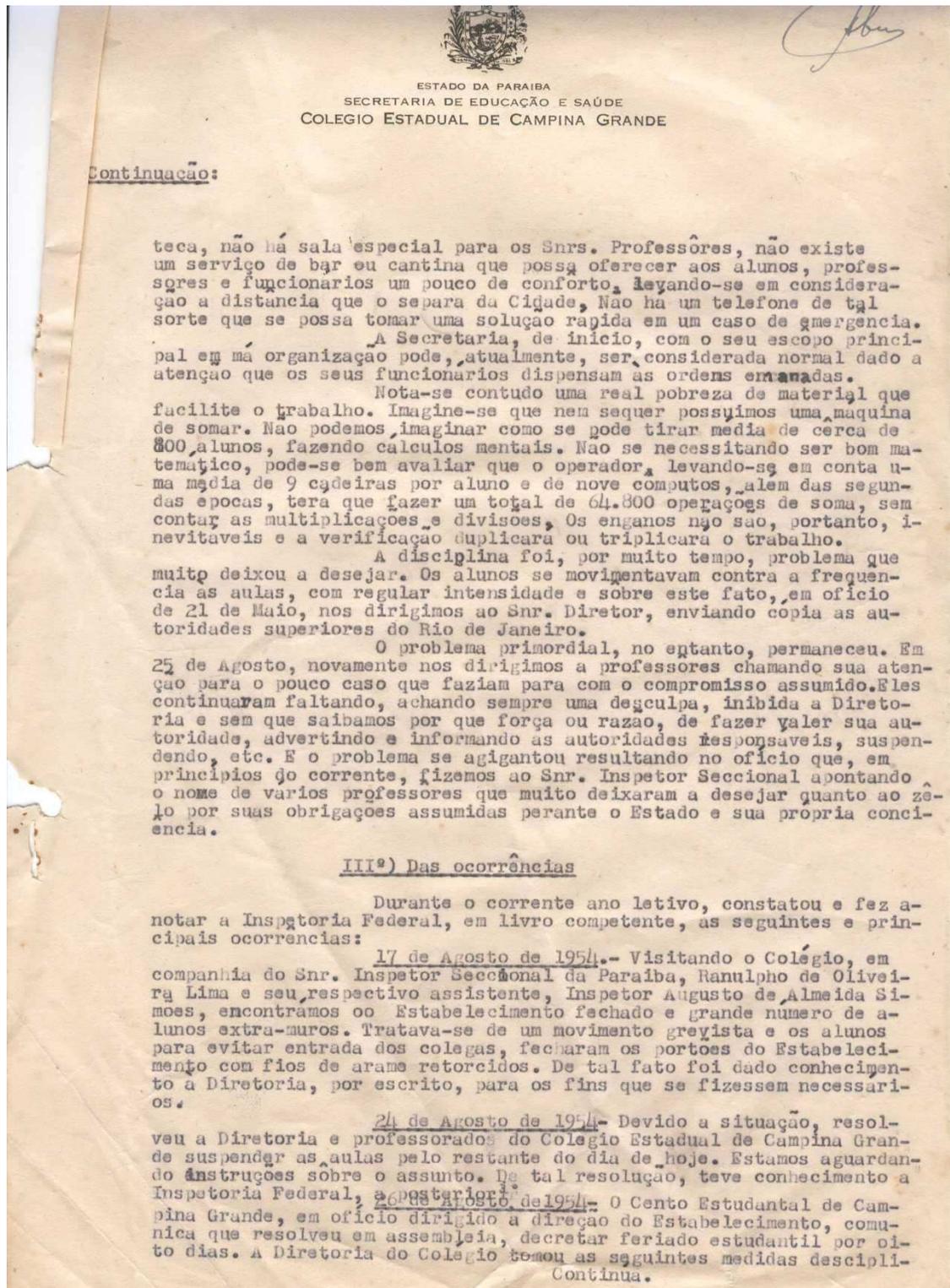


Figura 9: continuação do documento enfatizando a falta de disciplina dos alunos. Retirado do Blog www.colegiodaprata.com

Em 20 de agosto de 1954.

Da Inspeção Federal
Ao Snr. Diretor do Colégio Estadual de Campina Grande
Atenção do Rev. Pe. Emídio Viana Corrêa.

Rev. Padre

Lastimamos sinceramente, comunicar a V. Revma. fato que, ontem, nos foi dado em presença do Ilmo. Snr. Inspetor Seccional da Paraíba e seu Assistente.

Em realidade, terminada a reunião de ontem, dirigimo-nos eu e os Snrs. Inspetores Seccional e Assistente, ao Colégio Estadual, afim de que pudessem aqueles Snrs. recolher material que viera do Rio, endereçado àquela repartição.

Estava longe de nosso pensamento que fôssemos encontrar espetáculo tão maldizente às boas normas da educação que, acreditamos sinceramente, emana dêsse conceituado estabelecimento.

Mas aconteceu inesperada e lastimavelmente. Encontrámos o Estabelecimento com grande aglomerado de alunos extra muros e os portões fortemente fechado por fios de arame retorcidos.

Ficámos entre atônitos e surpresos e como necessitávamos, tivemos que abrir nós mesmos os portões, embora houvesse funcionários do Estabelecimento à vista.

Não pudemos colher informações mais precisa dos alunos senão aquela de que se tratava de um movimento paredista sem um fim certo a não ser aquele de perturbar a boa marcha dos trabalhos escolares.

Estamos certos de que V. Revma. lamentavelmente ausente ao espetáculo, tomará as medidas cabíveis ao caso e que tão mal colocou o Estabelecimento, aos olhos daquelas nossas autoridades escolares.

Aproveitamos ainda a oportunidade para reiterar a V. Revma., nossos protestos de distinta consideração.

Figura 10: Relatório da Inspeção de Ensino ao Padre Emídio Viana sobre o comportamento dos alunos do Estadual da Prata (1954). Retirado do Blog www.colegioprata.com



Figura 11: Anexo nos anais eletrônicos da V semana de humanidades, UEPB, realizado em Guarabira em maio de 2010.



Figura 12: Arquivo pessoal Euba Dias Santiago. Hospital da FAP. (s/d).



Figura 13: Arquivo da biblioteca Átila de Almeida.



Figura 14: Arquivo da biblioteca Átila de Almeida.

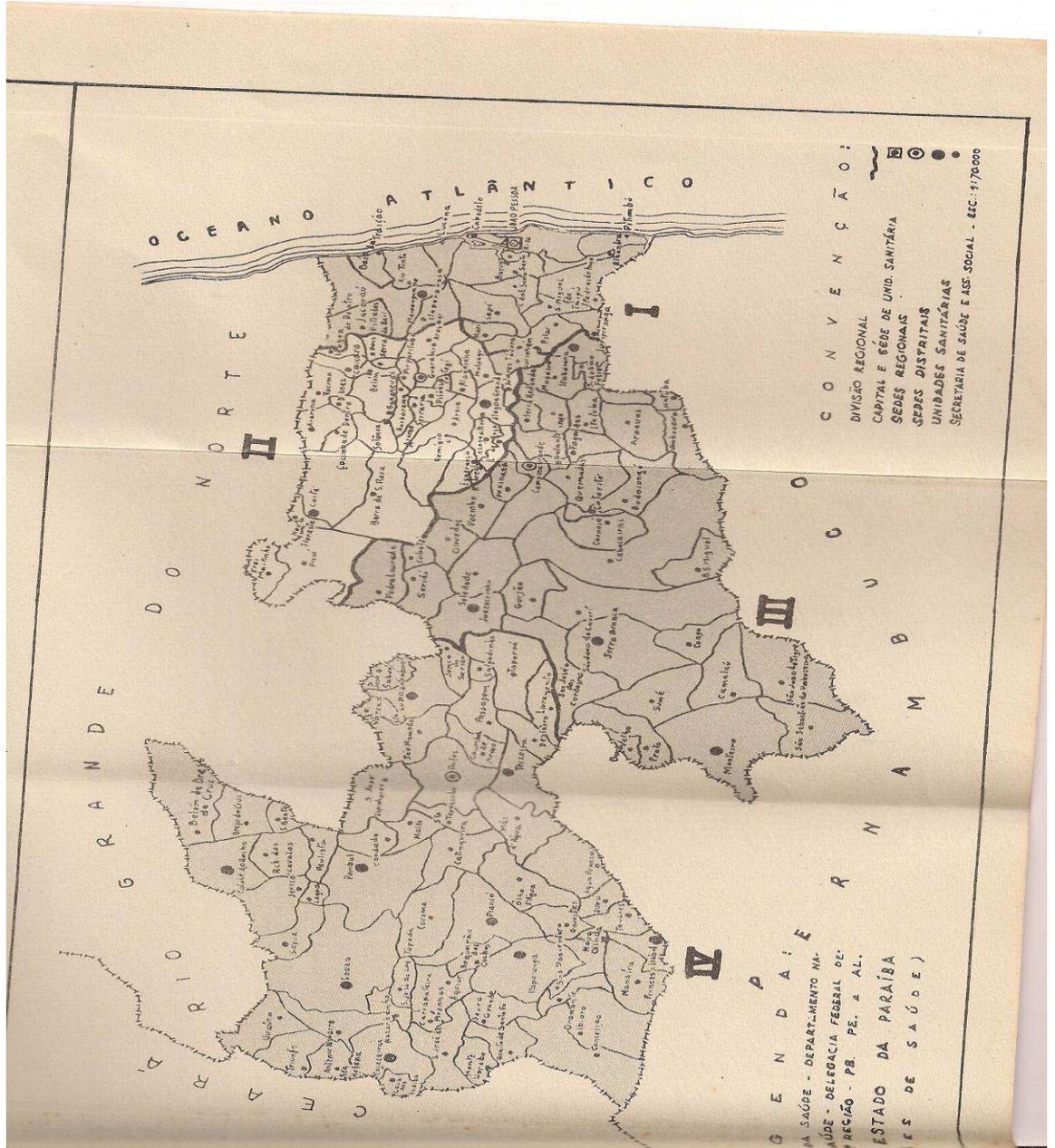


Figura 15: Regiões de saúde da Paraíba. Ministério da Saúde. Reproduzido da obra Um estudo da Rêde Médico Hospitalar de Campina Grande.